

Thaís Marques Fidalgo

Clínica e Vida

Cartografias dos encontros em Terapia Ocupacional

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre em Ciências da
Saúde no Programa de Pós-Graduação
Interdisciplinar em Ciências da Saúde da
Universidade Federal de São Paulo –
UNIFESP, campus Baixada Santista.

Santos

2019

Thaís Marques Fidalgo

Clínica e Vida

Cartografias dos encontros em Terapia Ocupacional

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, campus Baixada Santista.

Orientadora:

Profa. Dra. Flavia Caldas Liberman

Coorientadora

Profa. Dra. Andrea Perosa Jurdi

Santos

2019

F449c

Fidalgo, Thais Marques, 1990

Clínica e Vida: Cartografias dos encontros em Terapia Ocupacional. / Thaís Marques Fidalgo;
Orientador: Profa. Dra. Flávia Liberman
Coorientador: Profa. Dra. Andra Perosa Jurdi – Santos, 2019.

85 f.: il. color.; 30 cm.

Dissertação de Mestrado (pós-graduação) –
Universidade Federal de São Paulo - campus Baixada
Santista, Programa Interdisciplinar em Ciências da
Saúde, 2019.

1. Criatividade. 2. Saúde. 3. Terapia Ocupacional. I.
Liberman, Flávia, Orientadora. II. Jurdi, Andrea Perosa,
Coorientadora. III. Título

CDD 610

“Fazer da vida uma obra de arte é um projeto político de existência, que afirma a vida como potência de criação”

(DELEUZE, 2010)

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho foi construído por atores e protagonistas que nem sabem, necessariamente, que o são. Pessoas que marcaram experiências e proporcionaram encontros que foram fundamentais para esta escrita. Portanto, sou extremamente grata aos momentos vividos, às lembranças e a vocês.

Agradeço também ao que fez sentido e ao que já não faz mais. Foram dois anos de aproximações e afastamentos. Cada linha escrita termina diferente do modo como começou; agradeço às imersões, aos silêncios, aos mergulhos nas incertezas e aos meus corpos pelos caminhos trilhados até aqui.

Agradeço à professora Flávia, por ter me apresentado uma terapia ocupacional cheia de vida e potência, pela qual eu me encantei. Por sustentar desejos e caminhar ao meu lado, sempre com ternura, tempo e delicadeza. Agradeço pelo invisível. Pela liberdade e presença. Por cultivar em mim o desejo por criar laços e plantar sementes. Pelo caminhar tão único e compartilhado! Agradeço e Reconheço, Obrigada!

Agradeço à professora Andrea, por toda calma, leveza e segurança. Por ter trazido à tona a beleza dos pequenos fazeres, iniciando essa dissertação, quando eu desacreditei. Por ter sido professora, coorientadora e orientadora. Pelos ouvidos e conselhos quando iniciei minha prática com crianças! Pelos milhares de livros emprestados, por me explicar os conceitos de Winnicott incansavelmente e pelo abrigo sempre proporcionado.

À professora Vivi, presente desde o meu primeiro dia na universidade. “Conhecendo a profissão” passou e nove anos depois continuo sendo inspirada e provocada a seguir seus caminhos. Agradeço por momentos tão intensos e tocantes vividos por mim em suas aulas, que me formaram e impulsionaram a refletir sobre novas maneiras de olhar o mesmo. Agradeço por cada vivência, conversa, conselho, olhar e cuidado!

À Marina, por quem tenho imenso carinho, admiração e respeito. Agradeço pela delicadeza de sempre em nossos encontros. Por me ajudar a enxergar mais de mim e da potência do meu corpo em suas possibilidades. Pelos fazeres junto, pela confiança, por me deixar à vontade e me incentivar a desejar buscar sempre mais. Por me fazer acreditar na potência dos encontros!

À banca de qualificação, pelo acolhimento, contorno e incentivo para seguir. Seus direcionamentos e conselhos foram determinantes para chegar até aqui.

Agradeço à Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde e à Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – CAPES¹ pelas portas abertas e pelo incentivo à pesquisa. Em tempos difíceis, reconhecer é resistir.

Agradeço à Dona Vera, que abriu a porta de sua casa, foi protagonista dessa história, me acolheu e ensinou. Agradecer é reconhecer a troca, a oportunidade e a confiança, que permitiram que esta experiência se tornasse real e possível.

Agradeço, em especial, à minha família. Foi fazendo ovos de Páscoa, entregando cartões de Natal de bicicleta, preparando as enormes saladas de frutas para os passeios que tive minhas primeiras experiências de criação. O encanto pelo fazer junto começou com vocês.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Criar e viver são temas fundamentais na teoria winnicottiana, sendo que nesta a criatividade se aproxima do sentimento de estar vivo e da percepção da própria existência; assim como da compreensão de que é por meio do gesto criativo que podemos sentir a expressão de nossa singularidade. Este trabalho aproxima arte, vida e saúde, em uma possibilidade de reinvenção, de criação de si e de novas realidades nos encontros, inventando novas possibilidades de vida, contrapondo concepções e categorizações que se distanciam da possibilidade de cada um poder criar seus próprios modos de existir. Parte do pressuposto de que produzir saúde envolve captar a singularidade, o contexto e o universo cultural; aproximar-se do sujeito e abrir possibilidades de diálogo com suas concepções, expectativas e desejos; reconhecendo-o como autor de sua própria saúde. Esta dissertação conta uma experiência – através da cartografia de uma história acompanhada durante cinco anos na Universidade Federal de São Paulo. Tem como objetivo apontar caminhos e procedimentos; pesquisar a “experiência” como dispositivo para uma clínica assertiva – rigorosa, porém não rígida –, capaz de transitar entre teorias e encontros, observação e prática, sensibilidade e técnica. Busca, também, dar visibilidade aos estudos que articulam os temas relacionados a processos terapêuticos, matriz criativa e produção de subjetividade e ampliá-los.

Descritores: Criatividade, Saúde, Terapia Ocupacional, Território, Subjetividade

ABSTRACT

Creating and living are fundamental themes on the Winnicottian theory, in which creativity is closely related to the feeling of being alive and to the perception of the existence. The same happens with the perception that it is through creativity that we can get in touch with our true identity. This research explores the relationship between art, life and health, as possibilities of one reinventing him or herself, creating new realities through the meeting with other subjects, creating new possibilities of life. On this process, new possibilities of life created are opposed to preconceptions and pond categorizations. We assume here that promoting health involves looking to the singularity of the subject, his or her social context and cultural background. It also requires that the health professional works in a dialectal way, in a dialogue between his own experiences, beliefs and desires and the subject's ones. On this process, the professional must recognize the other as an active constructor of his or her own health. This dissertation uses the cartographic method to report the story of a subject followed up for five years at the Universidade Federal de São Paulo. It aims to wide the view of paths and procedures; to investigate the "experience itself" as a mechanism to an assertive clinical management, rigorous but not rigid, capable of dialoguing with different theories, on the borders of observation and intervention, sensitivity and techniques. It also aims to bring light to and to widen the comprehension of studies that articulate the themes related to therapeutics processes, creative matrix and subjectivity production.

Descriptors: Creativity, Health, Occupational Therapy, Territory, Subjectivity

SUMÁRIO

INÍCIO

Ritmos e Compassos	10
Contornos	14
Viver Criativo	15

PARTE I – Cartografias de Ações, Tempos e Agenciamentos

Entradas e conexões	20
Desenho de um Processo	22

PARTE II - ATOS

Cena I – Como tudo começou	25
Cena II – Aposta no Encontro	30
Cena III – Atividades: Fazer, Agir e Ser	38
Cena IV – Ampliação das Relações	48
Cena V - Ida à Praia	54
Cena VI – Chegando ao Grupo de Mulheres	59
Cena VII – Rompendo Barreiras	71

PARTE III – À margem do rio

Chegar ao fim é chegar ao começo	81
----------------------------------	----

REFERÊNCIAS	85
-------------	----

ANEXOS

Anexo 1 - Termo de Consentimento para Coleta de Dados	93
Anexo 2 - Termo de Cessão de Direito de uso da Imagem	95
Anexo 3 - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa	96

“Deveríamos esperar para escrever e juntar senso e doçura por uma vida inteira, longa, se possível, e então, bem no final, talvez pudéssemos escrever dez linhas que fossem boas, pois versos não são, como pensam as pessoas, sentimentos [...]. Versos, são experiências. Por causa de um único verso é preciso ver muitas cidades, pessoas e coisas. É preciso conhecer os animais, é preciso sentir como os pássaros voam e saber com que gestos as pequenas flores se abrem pela manhã [...], mas ainda não basta ter recordações. É preciso ser capaz de esquecê-las quando são muitas e é preciso ter a grande paciência de esperar que retornem. Apenas quando elas se tornam sangue de nós mesmas, só então poderá acontecer, que numa hora muito rara, se levante e saia do meio delas a primeira palavra de um verso.”

(Rilke, Os Cadernos de Malte Laurids Brigge - adaptado)

INÍCIO

Ritmos e Compassos

Apresento, a seguir, a história de uma mulher que poderia se chamar Zefa, Nina ou Antônia. Mas escolhi Vera². Vera é *resistência, militância e beleza*.



Fotografia: Nice Gonçalves³

Gêmea de um irmão que morreu ao nascer, Vera veio ao mundo em novembro de 1953. Tem quatro irmãs mulheres e gosta de relembrar as braçadas que davam nas águas do mar de Santos. Sua cor preferida é o azul. Conta que, no Natal, pintavam o bambu e colavam algodão em cima para criarem a própria árvore de enfeite. Cresceu no Morro do Pacheco e fala com

² A decisão em manter o nome real foi feita junto com a participante, como parte do protagonismo na pesquisa. Vera chama essa dissertação de livro e sempre pergunta sobre sua construção.

³ Nice Gonçalves: fotógrafa e parceira do Instituto Arte no Dique - <http://nicegoncalvez.blogspot.com/>

orgulho que no colégio era elogiada pela sua caligrafia. Foi fumante por 25 anos – mas devido a uma pneumonia decidiu parar. Foi difícil, mas não trairia sua palavra. Atualmente, mora sozinha e cuida da sua casa. Aprendeu a costurar, a pintar e *se virar*.

Trabalhou muito sempre. Quando “*moça nova*” – “*antes de ficar doente*” – adorava trabalhar no comércio. Trabalhou em lojas finas e aprendeu a fazer pacotes bonitos. Um dia, sem mais nem menos, ela diz não ter ficado muito “*boa da cabeça*”. Não sabe dizer muito bem o que aconteceu – só lembra que seu próprio patrão a acompanhou até em casa e conversou com sua mãe dizendo que era melhor levá-la em um “*médico de cabeça*.”. Desde então, passou por internações na Casa de Saúde “Anchieta” e na Fundação Espírita “Américo Bairral”. Narra que sua trajetória foi regada de muito sofrimento e privações.



Fotografia: registro próprio

Eu, que vos escrevo, me apresento a partir de 2012, ano em que fui capturada pela batida da percussão na ONG Arte no Dique⁴. O som me atraiu e uma escolha aleatória por um equipamento de Arte e Cultura, talvez não tão aleatória, mas movida pela crença de que haveria algo a mais – algo além de doença, loucura e sintomas – me fez continuar pelos próximos cinco anos que viriam. Ou mais, até hoje.

No Arte no Dique, o Grupo de Mulheres. Todas as terças feiras, começavam os telefonemas: “Fabiana, amanhã temos o grupo! Podemos passar aí?” E assim, seguíamos às quartas, de casa em casa, todos juntos na van, perdidos e achados na Zona Noroeste. Seria Vera a próxima parada da van?

Nos caminhos cruzados do Dique encontrei cores, dança, movimento e sorrisos. Encontrei versões de mim. Ao longo dessa dissertação, o leitor que observar, poderá notar meu processo de descobertas e transições através das fotos, assim como o de Vera. As fotos nos ajudam a perceber como somos tantos. “Para Keleman, alguém que examine a própria imagem ao longo de trinta ou quarenta anos vai captar a noção de ter tido muitos corpos” (LIBERMAN, 2007, p. 109). Acessar as fotografias me fez afirmar e reconhecer a presença dos inúmeros *corpos* presentes em mim, a começar pelo cabelo: ora preto, ora loiro. Os cabelos são apenas o retrato de um processo que acontecia internamente. De acordo com Bondía (2002), “somente o sujeito da experiência está aberto à sua própria transformação”.

⁴ Organização não-governamental (ONG) que desenvolve trabalhos socioculturais com a população do Dique da Vila Gilda na Zona Noroeste de Santos/SP. Tem como proposta a realização de ações, oficinas e cursos profissionalizantes, regidos pelos princípios da inserção social, pesquisa e valorização da cultura local, aquisição de conhecimentos específicos do mundo da arte e cultura, que possibilitam a ampliação do universo cultural. Adaptado de <<http://www.artenodique.org.br/>>.

“Meu penteado me incomodava. Eu ficava mudando o tempo todo. As pessoas diziam: O que você faz com os cabelos? Você muda de penteado toda hora! Então eu dizia que gostava de mudar o penteado porque não queria ser o mesmo”

(V. Nikinsky – Diários)



Ida à praia com parangolé. Fotografia: registro próprio

Contornos

Essa dissertação nasceu e foi realizada nas fronteiras entre vários campos do saber, o que lhe oferece características singulares, dentre elas, a complexidade. Avizinhou-se dos campos da saúde, da cultura e da sociedade na tentativa de compreender *o desejo de continuar existindo*. Tem como alicerce o sujeito e sua dinâmica no mundo da vida. Ao nos direcionarmos para a vida, nos aproximamos das formas de ser e de fazer do sujeito, nos aproximamos de como o indivíduo se coloca no mundo. O ser humano é, continuamente, afetado pelos acontecimentos diários. As transformações socioculturais e seus efeitos na estética, na ética, nas relações entre os homens acarretam novos modos de subjetivação e novas formas de sofrimento.

Partiu-se da ampliação da ideia do que é intervenção e do agir profissional: de aplicação de um protocolo e de uma técnica para uma prática de cuidado. Aqui, invertemos a lógica e pensamos a saúde como possibilidade de existir. É um estudo compromissado com a experiência e nasceu de uma visita domiciliar no terceiro ano da graduação. Teve duração de muitos anos e passou por momentos diferentes. Foi marcado por diversos encontros. Trilhou caminhos nem sempre lineares.

Junto com Vera, descobri o ritmo de nossos passos e desenhamos nossos próprios caminhos. Me propus a contar essa trajetória e elaborar reflexões sobre os caminhos trilhados. A caminhada rumo ao dia seguinte é a questão mobilizadora. Vivemos no gerúndio: fazendo, comendo, seguindo. Mas de que forma nossa ação está em andamento? Por que desejamos ou não levantar todos os dias e continuar? O sofrimento, para Winnicott (1971/1975), relaciona-se à esperança, à capacidade de se inventar e de reorientar o gesto em direção ao porvir.

É nesse contexto que apresentamos uma clínica capaz de reconhecer outras possibilidades, articulada com o conceito de criatividade, autonomia e arte; entendendo a criatividade e as experiências como elementos fundamentais para uma existência saudável.

Os relatos realizados foram costurados em novas composições, fazendo com que ganhassem vida pela força das marcas produzidas, que se reatualizavam enquanto eu as revisitava. Na tentativa de convidar o leitor a participar desse processo, foram feitas escolhas de cenas que foram fundamentais na construção dessa relação e que servirão como ilustrações/guias para a análise do processo. A cada encontro, algumas descrições e diálogos que ecoavam eram anotados. Parte deste material foi utilizado como fonte e pistas para a presente pesquisa.

A primeira cena coloca a questão principal da dissertação, que consiste no viver criativo a partir do encontro. Conto sobre a chegada à casa de Vera e seus desafios. Perpasso o desafio da visita domiciliar e a postura ética de habitar a posição de propositos de experiências nos fazeres humanos. Ao longo dos capítulos seguintes, vai sendo descrito, através das cenas e imagens, o desenvolvimento da relação, suas conexões e reverberações. Abordar o sujeito a partir da noção de criatividade torna-se fundamental para a construção de uma clínica em saúde a partir do encontro. Clínica esta que permite reconhecer possibilidades e agenciamentos⁵. Que valoriza o lugar da pintura, da performance, do bolo e do silêncio. Pautada em sutilezas e afetos. Clínica esta capaz de reconhecer outras possibilidades em saúde. Através da experiência, discutimos a articulação entre criatividade, autonomia e clínica.

Durante todo trabalho, é narrada a chegada de Vera ao grupo, sua sustentação e permanência. Sigo com teorias que sustentam a experiência, a fim de propor reflexões sobre o processo construído e suas transformações.

Com o objetivo de analisar os processos de saúde do sujeito e seus encontros na clínica da terapia ocupacional, este trabalho não partiu de um material coletado para investigação de uma teoria; ao contrário, surgiu da experiência mobilizadora e capaz de ampliar a discussão sobre as experiências no campo da Terapia Ocupacional e suas formas de atuação. Busca também, apresentar e discutir procedimentos em um processo de cuidado em saúde; discutir a potência de atividades artísticas nesse processo e investigar o potencial criativo.

Viver Criativo

O referencial teórico adotado para a compreensão do indivíduo e de sua subjetividade é a teoria do amadurecimento pessoal de D.W. Winnicott, psicanalista inglês que afirma que o processo maturacional ou emocional não começa com o nascimento, e sim com as primeiras relações, as mais primitivas, que toda mãe e todo bebê vão estabelecer, ainda no ventre materno. O autor contrariou a ideia de que o homem é uma máquina e demonstrou que a condição inicial do homem é a fragilidade e que esse homem precisa de outro ser humano para continuar existindo.

A construção do *self* se dá a partir do relacionamento mãe-bebê – envolto em um ambiente de afeto e confiança. Winnicott (1983) afirma que *self* é um potencial herdado que,

⁵ Usamos a noção de agenciamento em preferência à de parceria, pois agenciar significa criar uma política de conectividade, de vizinhança, uma possibilidade de trabalho em que a rede não se define por uma somatória, mas sim por uma relação de ressonância que se estabelece entre elementos do território. (Galletti, 2009)

para existir, necessita da experiência vivida na relação com o outro. A matriz criativa que se funda na primeira relação mãe-bebê permanece ao longo da vida e se transforma de acordo com as necessidades das fases do amadurecimento pessoal. O verdadeiro *eu* refere-se ao gesto espontâneo da criança, ou seja, ao conjunto de expressões criativas do bebê desde o início da vida. Quando a mãe não é suficientemente boa, o gesto espontâneo do bebê não é continuado, sendo necessário que este se adapte ao ambiente (WINNICOTT, 1960/1983).

Nesse sentido, o autor nos apresenta um novo elemento para a compreensão do ser e fazer do indivíduo: o ambiente.

Descobrimos que os indivíduos vivem criativamente e sentem que a vida merece ser vivida ou, então, que não podem viver criativamente e tem dúvidas sobre o valor do viver. Essa variável nos seres humanos está diretamente relacionada à qualidade e à quantidade das provisões ambientais no começo ou nas fases primitivas da experiência de vida de cada bebê. (WINNICOTT, 1975, p. 102-103).

Segundo Araújo (2007) o ambiente é concebido como facilitador das várias tendências individuais herdadas. O conceito de ambiente definido por Winnicott tem duas características essenciais: a adaptabilidade e a qualidade humana. Em relação à adaptabilidade, o ambiente vive um processo dinâmico de se adaptar, desadaptar e readaptar às necessidades mutáveis do indivíduo à medida em que este se desenvolve. Em relação à qualidade, o ambiente adquire características humanas e auxilia o indivíduo em sua jornada rumo à independência. Nesse processo de vir a ser, o indivíduo necessita de um ambiente que lhe forneça condições de estabelecer laços sociais, de manter sua individualidade e sua singularidade nas ações coletivas, que lhe permita criá-lo e recriá-lo a todo momento.

Vaisberg (2004) comenta sobre a importância do acolhimento para as pessoas que necessitam de atenção e coloca que no encontro há sustentação. Porém, adverte que sustentar um encontro é um fenômeno complexo, pois não se sustenta da mesma forma o encontro com um bebê ou com um adolescente, não se sustenta igualmente o encontro com pessoas que não tiveram a oportunidade de expressar sua gestualidade espontânea ou com pessoas vivendo em ambientes que impuseram a marca da submissão.

Partimos aqui de um referencial de saúde que visa a olhar o homem como alguém que tem uma vida que é capaz de se adaptar ao mundo sem perder sua espontaneidade, ou seja, tem uma vida que vale a pena ser vivida – que é social e cultural. Para o autor, o desenvolvimento humano favorável se refere a esta capacidade de se relacionar com o mundo de maneira criativa: é isso que daria sentido à existência, ancorando o sentimento de que a vida vale a pena ser

vivida; uma espécie de “saúde poética”, que não se relaciona com a saúde psíquica estável e bem adaptada.

Winnicott (1975) diz que criar significa a possibilidade de sentir a transformação do mundo e não apenas de nos relacionarmos com algo pronto e definido. A criatividade e as artes de modo geral são formas de fazer e comunicar o que somos, sentimos e/ou pensamos. No entanto, o indivíduo apenas conseguirá exercer seu gesto criativo se o ambiente puder sustentar o encontro humano e se satisfizer suas necessidades. Para o autor, o desenvolvimento humano está diretamente associado ao desenvolvimento do potencial criativo e da afetividade. O psicanalista afirma que é durante a infância – mais especificamente no *brincar*, que desenvolvemos nosso potencial criativo e constituímos nossa identidade pessoal. Posteriormente, quando adultos, o lugar da brincadeira é preenchido pelo universo das atividades culturais e artísticas. Neste sentido, a atenção aos *modos de fazer* dos indivíduos é importante para pensar suas relações, à medida em que consideramos que a criatividade está na base da saúde do ser humano, como afirma Winnicott (1975).

No início do desenvolvimento, o bebê tem a ilusão de que tudo de que ele precisa aparece magicamente. Isso acontece graças à capacidade da mãe de se adaptar às necessidades do bebê – fase chamada de dependência absoluta. Ao longo do tempo, através de pequenas desilusões, ocorre a fase da dependência relativa – na qual o bebê utiliza os objetos transicionais. O objeto transicional é algo que não está nem dentro nem fora da criança; está situado em uma zona intermediária, na qual a criança se exercita na experimentação com objetos e, mesmo que estejam fora dela mesma, sente estes como parte de si (WINNICOTT, 1951). Esses objetos vão aos poucos perdendo o seu significado, ficando difusos no território intermediário, por todo campo cultural. Isto se amplia para a área do brincar, da criatividade, da apreciação artística, do sentimento de religiosidade e do sonhar.

Todo o desenvolvimento humano na área da cultura e da criatividade se inicia, conforme Winnicott (1951), a partir do surgimento da ilusão na relação inicial mãe-bebê. Estes processos da ilusão e do brincar são a base da saúde mental e da criatividade. O bebê deixa de “conquistar tudo como mágica” e passa a fazer parte do processo; passa da ilusão de onipotência para a potência. Essa conquista do “eu” separado do mundo, através do processo ilusão-desilusão, acontece numa área intermediária ou transicional, entre a realidade e a fantasia. Esta área neutra de experiências entre o real e a fantasia é o verdadeiro “lugar” em que vivemos. Os sentimentos de ilusão e de criatividade são a raiz da saúde mental.

Nesse sentido do desenvolvimento afetivo e da conscientização do bebê de sua potência como humano, Winnicott não está interessado em *definir* o **SER** – mas está interessado em

dizer qual é a *experiência* de ser e como o ser humano **VIVE** essa experiência de **SER**. Safrá (2005) considera que há duas grandes perspectivas epistemológicas nas ciências humanas. Uma se refere às pesquisas sujeito-objeto, em que o pesquisador toma o ser humano como objeto e coloca sua subjetividade entre parênteses. Esse modelo privilegia a explicação e busca a causa dos fenômenos. Na outra perspectiva, sujeito-sujeito, o pesquisador toma o fenômeno como experiência que aborda a intersubjetividade e explica a sua própria subjetividade na situação investigada. Nesse modelo, a narrativa, a descrição ou a compreensão do fenômeno ganham relevância, em detrimento da quantificação de dados. Para o autor, somente a narrativa é capaz de explicitar um fenômeno intersubjetivo.

A partir do referencial teórico adotado é que apresentaremos Vera – moradora do bairro Rádio Clube, que se localiza na Zona Noroeste da cidade de Santos.

PARTE I - Cartografias de Ações, Tempos e Agenciamentos

*Venham!
Mergulhem primeiro,
Respirem depois!*

(Guimarães Rosa)

Entradas e Conexões

No projeto de extensão *Cartografias Femininas*, da Universidade Federal de São Paulo, professores e estudantes realizavam uma série de ações em equipe interdisciplinar, tomando como população-alvo mulheres da região noroeste de Santos. Partindo da identificação desse grupo como vulnerável aos agravos de saúde e a situações de exclusão, as ações propostas pretendiam implementar novas perspectivas de cuidado através da articulação entre diversos equipamentos de saúde e cultura. Uma das características dessa prática era a transformação constante dos meios e instrumentos de trabalho, devido à necessidade de novos arranjos e dispositivos que privilegiassem a comunicação transversal entre os envolvidos, possibilitando a capacidade de escuta do outro e de si mesmo (BRASIL, 2009, p. 17).

Nessa perspectiva, os estudantes realizavam visitas domiciliares às mulheres da região Noroeste de Santos, mapeavam os recursos do território, faziam interlocução e parceria com a rede de saúde mental, o Programa de Saúde da Família e a Unidade Básica de Saúde da região. Esse projeto de extensão também se articulava com o módulo Trabalho em Saúde, com os estágios curriculares e com outros projetos de extensão e iniciação científica do campus Baixada Santista, criando uma rede de agenciamento de ações. Havia apostas dentro dessas práticas que permeavam a clínica ampliada, a produção de saúde e de subjetividade.

O nome de Vera⁶ chegou até nós pela terapeuta ocupacional do Núcleo de Atenção Psicossocial I que soube do projeto de extensão e do grupo de mulheres que acontecia às quartas-feiras no Arte no Dique e pensou que Vera poderia ser uma das mulheres a se beneficiar. Foi um longo caminho entre o dia que tivemos seu nome como uma possibilidade e o primeiro encontro presencial. Em 2012, quando iniciou seu acompanhamento, Vera não gostava de receber visitas e se assustava ao ver um número diferente no identificador de chamadas do telefone fixo de sua casa. No mesmo ano, durante minha graduação no curso de terapia ocupacional e como aluna do projeto de extensão *Cartografias Femininas*, iniciei minha trajetória ao seu lado. Construímos uma história juntas. Eu passei de aluna para estagiária e formada. Vera mudou de casa, de amigos e de dores.

Nosso caminho foi construído por muitos corpos⁷ e agenciamentos. Em 2013, Natália,

⁶ A pesquisa foi submetida a Plataforma Brasil e direcionada ao Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo. Foi aprovado pelo CEP sob o parecer 2.116.787 e CAAE: 65925417.0.0000.5505. São seguidas as normalizações da Resolução 466/12 referente às normas éticas de pesquisas envolvendo seres humanos (Brasil, win).

⁷ Todos os participantes foram convidados a participar indiretamente do estudo. Após aceitação, foram entregues duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assim como o Termo de Cessão de Direito de Uso da

também estagiária de Terapia Ocupacional, foi peça fundamental para delinear os passos seguintes. Juntas, ela, Vera e eu formamos um trio. Passamos a sair mais de casa e experimentar novos desafios – uma encorajava a outra a tentar. A partir do momento em que se arriscar não era mais um problema, Vera iniciou no Grupo de Mulheres que acontece no Instituto Arte no Dique. Ali, estudantes de educação física, fisioterapia, nutrição, psicologia e terapia ocupacional se reúnem junto com os professores e as mulheres da região e propõem diversas experimentações: danças, brincadeiras, movimentos – práticas corporais e artísticas.

Iniciar e permanecer em algo, nem sempre é uma tarefa fácil. Exige a produção de um corpo que sustente a intensidade dos encontros, das experiências e dos acontecimentos. Exige paciência e resistência. Essa foi a tarefa de 2014: sustentar a permanência no grupo. Em 2015, mais confortável no grupo, dona Vera passou a receber os alunos de graduação em sua casa para encontros pontuais. No ano de 2016, além de seguir com nosso acompanhamento e no grupo – Vera também passou a fazer parte do módulo Trabalho em Saúde, recebendo semanalmente duas alunas, para colaborar na formação das estudantes e construir sua história de vida através do módulo narrativas⁸. Em 2017, Vera seguiu no grupo de mulheres e em suas atividades diárias – como pintura, natação e hidroginástica. Os encontros comigo deixaram de ser um compromisso semanal.

Vera passou, portanto, por diversos momentos: acompanhamento individual, acompanhamento em dupla, acompanhamento individual + grupo de mulheres. Neste período, foram produzidos registros escritos e ilustrados dos encontros. Os registros escritos contêm notas descritivas e notas intensivas. As primeiras referem-se ao registro das informações e são referentes aos acontecimentos. Compreendem a descrição do local, das pessoas, ações e atividades realizadas. As notas intensivas, por sua vez, contêm percepções, reflexões e preocupações do observador. Destinam-se a relatar a parte subjetiva da experiência.

O período de análise escolhido contém a aposta de analisar um processo do sujeito no qual podem predominar movimentos de submissão à realidade para uma vida com maior autonomia. As cenas selecionadas foram as que melhor retrataram os temas que discutiremos a partir do referencial teórico adotado. Vale ressaltar que esta é uma pesquisa de caráter retrospectivo, que se fez em movimento, e a ideia para a construção deste trabalho surgiu das experiências vividas durante os encontros. Experiências que suscitaram perguntas e desejos. Foram estas, as

Imagem. Os participantes foram orientados a ler, assinar e reter uma das vias dos Termos e a devolver a segunda via ao pesquisador.

⁸ Módulo do Eixo Trabalho em Saúde da Universidade Federal de São Paulo que tem como objetivo geral “contribuir para a construção de uma abordagem clínica comum às áreas profissionais que considere a realidade vivida pelas pessoas e as diversas dimensões envolvidas no processo saúde/doença/cuidado”. (UNIFESP, 2012)

experiências, que me proporcionaram ferramentas para pensar o processo. Parto de uma reversão metodológica que me permite explorar a escuta, os olhares, odores, gostos e gestos – sempre guiada pela sensibilidade. A pesquisa ganha corpo a partir dos encontros gerados, das dobras produzidas à medida em que habita e percorre os territórios. Os encontros são capazes de nos tocar e transformar e de produzir diferentes mundos. Dessa forma, a pesquisa se faz em movimento e carrega um pulso. Não falo de um protocolo ou de um único modo de fazer.

Desenho de um Processo

Na busca por uma referência metodológica, foi necessário encontrar “um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 9-10).

O método cartográfico é “o próprio ato de caminhar, onde um passo segue outro em um movimento contínuo” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 59). Em vez de regras para serem aplicadas, tem-se a ideia de pistas, que são como referências para o modo de caminhar. Parte-se da ideia de que o tempo todo estamos em processos e estes dependem de atitudes que requerem aprendizado e atenção permanentes: “A atenção do cartógrafo é, em princípio, aberta e sem foco, e a concentração se explica por uma sintonia fina com o problema.” (KASTRUP, 2007, p. 18). Ao trilhar esse caminho, não há pontos de garantia ou apoio, a experiência é entendida como um saber-fazer (um saber que emerge do fazer⁹).

A cartografia investiga o coletivo de forças em cada situação, esforçando-se para não se curvar aos dogmas reducionistas. Apresenta-se como um método, pois não parte de um modelo pré-estabelecido, mas indaga o objeto de estudo a partir de uma fundamentação própria, afirmando uma diferença, em uma tentativa de reencontrar o conhecimento diante da complexidade. É também um modo de conceber a pesquisa e o encontro do pesquisador com seu campo. Não há separação entre campo de análise e campo de intervenção, sendo que o referencial teórico se torna operatório em uma pesquisa-ação, sempre inserido em uma situação social concreta. Por esses motivos, a análise se faz *sem* distanciamento, pois está mergulhada na experiência coletiva, em que há um campo de implicações cruzadas (tudo e todos fazem parte) e o conhecimento está determinado nesse jogo de forças. Pode-se dizer também que não

⁹ Ler mais em: Passos; Kastrup; Escóssia (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina; Universidade Federal Fluminense, 2009.

há neutralidade do conhecimento, pois toda pesquisa intervém sobre a realidade mais do que representa um discurso sobre as “evidências” (PASSOS; BENEVIDES, 2009, p. 20).

Portanto, a cartografia me deu respaldo para afirmar, com método, um modo de fazer pesquisa. Livre para contar o “como” foi feito, sem me preocupar com formalismos excessivos que me forçavam a categorizar experiências que não cabiam nessa dimensão. Libertei-me da preocupação de supostas explicações e versões sobre os fatos, pois a compreensão do processo se define por um tipo de sensibilidade, como afirma Rolnik (2007, p. 66), “entender, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar.”

Conhecer a realidade é acompanhar seu processo de constituição. Não tem como objetivo alcançar metas pré-estabelecidas, mas sim a construção de uma trajetória compartilhada. Acredito que cartografar é fazer convites em direção ao outro, convites para a criação de novos lugares comuns.

Para que se possa conhecer o território a ser mapeado, é preciso que se deixe impregnar pelos territórios que se avizinham, com uma receptividade afetiva e engajada, que permite encontrar o que não se procurava ou mesmo ser encontrado pelo acontecimento ao qual não se estava atento (ALVAREZ; PASSOS, 2009). O cartógrafo é alguém aberto a percorrer diferentes caminhos e deve munir um olhar de estrangeiro, no qual todas as implicações estão em jogo na vida real.

Tive a preocupação de estar junto ao processo de reviver os acontecimentos da história de Vera e, assim, construir a nossa história. Pude dar voz àquilo que surgiu durante a caminhada, conseguindo não excluir o que foi estranho ou angustiante por não ter sido previamente mapeado. Esse método possibilitou um diálogo para o estudo da subjetividade e, através dele, encontrei espaço para o singular e a pausa. Este é o percurso que trago à lembrança através de cenas e imagens – num ato de novamente cartografar, agora juntos, leitor e eu, e produzirmos o nosso conhecimento comum.

PARTE II - ATOS

“Hoje não se trata tanto de sobreviver como de saber viver. Para isso é necessária outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos.”

(Santos, 1987, p. 53)

Cena I – Como tudo começou

*“O mundo despedaça todas as pessoas e,
posteriormente, muitos se tornam fortes nos
lugares partidos”*

(Hemingway em Farewell to Arms)



Fotografia: registro próprio

- *Não marquei com ninguém, não quero visitas...*

A mão que segurava o portão cedeu. A casa é fria e escura. Vazia. Na mesa estava um pano de prato fixo em um suporte de madeira, uma caixa de sapatos com tintas, um copo de água e um pano. Dona Vera senta em sua cadeira, volta a fazer o que estava fazendo e ignora completamente minha presença. *Resistir* é o verbo.

Puxo a cadeira e me sento ao seu lado. A atividade cresce e não há palavra – apenas gestos, corpos, detalhes e movimento.

No caminho de volta até o portão, com o tom de voz baixo, me inclino e, já sabendo a resposta, pergunto se a planta em destaque no corredor é capim cidrão. A despedida se faz com uma pergunta: “Você volta?”

Diário da Pesquisadora, 2012

Somos Tantos

Pelo olhar de Safra (2012), podemos compreender o ser humano, do ponto de vista ontológico, como um ser racional ou um ser de ação. Ao reconhecê-lo como um ser de ação, afirmamos seu posicionamento frente à sua existência e frente ao outro – falamos aqui de um ser criativo em um contínuo processo de invenção de si mesmo, capaz de transitar na posição entre o ser e o não ser. Posição de *devenir* – sempre transitória.

Deleuze (2007), em seu texto “A vida como obra de arte”, aproxima arte e vida; essa possibilidade de reinvenção, de criação de si e de novas realidades nos encontros, inventando novas possibilidades de vida, contrapondo concepções e categorizações que distanciam a possibilidade de cada um poder criar seus próprios modos de existir. Sentir-se real, ser e estar em algum lugar, estabelecer relacionamento com as coisas e pessoas, ser tocado e afetado por elas, apropriar-se daquilo que se faz, sentir a magia da intimidade com o mundo – este é o sentimento de estar vivo, ou seja, o viver criativo.

Segundo Winnicott (1971/1975), a possibilidade de realização do *self* no mundo é o que permite às pessoas se sentirem vivas e reais, participando do acontecer humano, levando-as a experimentarem o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida. Ao observar Vera em sua casa, me questionava sobre como o corpo de Vera vivia as afetações do mundo. Aparentou naquele momento ser uma pessoa que se protegia de interferências externas, com uma tonalidade enrijecida, testa sempre franzida, sem nenhuma expressão, sorriso ou permeabilidade.

A visita domiciliar pode ter como aspecto positivo a aproximação dos profissionais ao contexto no qual os sujeitos estão inseridos. A maior aproximação do contexto de vida dos usuários possibilita a valorização da dimensão subjetiva das práticas em saúde, das vivências dos usuários e dos trabalhadores da saúde, abrindo espaços de comunicação e diálogo entre saberes e práticas, além de novas perspectivas para a reflexão e ação. (Paim; Almeida Filho, 1998). (ROCHA et al., 2017, p. 171).

A visita domiciliar sempre esteve presente no cenário histórico brasileiro, assumindo características diferentes de acordo com os diferentes cenários sociais e políticos pelos quais transitou. É uma estratégia que viabiliza maior aproximação entre as pessoas, o território em que estão inseridas e seus valores culturais. Ao abrir o portão de sua casa e permitir minha entrada, Vera deu abertura à minha postura ética naquele espaço. Conceito entendido aqui a partir da perspectiva de Deleuze (2002), ao teorizar sobre a ética de Espinosa (2009, p. 25): “[...] quando um corpo encontra outro corpo, uma ideia outra ideia, tanto acontece que as duas

relações se compõem para formar um todo mais potente, e, ao contrário, quando um decompõe o outro, destrói a coesão das suas partes". Ou seja, não se trata de uma reprodução de valores morais, de certo/errado ou bem/mal. Trata-se de entender um corpo ou alguém não no que ele é em sua essência, mas sim no que ele é capaz de realizar em sua potência, “tendo como critério a afirmação de sua potência criadora – daí o porquê de chamá-lo de ético” (ROLNIK, 1992, p. 8). Ou seja, há uma desarticulação do julgamento.

A casa de Vera fica aos fundos de outra casa. No caminho até sua porta, sentia como se *pisasse em ovos*. Entro em sua casa pela primeira vez. As paredes são brancas, a sala, com poucos móveis e sem decoração. A televisão está desligada. Sinto falta de barulhos. Vera, silenciosamente, senta e pega seu pano de prato para responder à pergunta que eu havia feito sobre o que estava fazendo. Nas tintas, pude ver cor. No corpo de Vera, via uma pessoa enrijecida, protegida de qualquer afetação externa. Começo a pensar, a partir do encontro, como Vera está existindo. Que encontros teve durante sua vida e que impactos eles trouxeram ao seu modo de agir. Me pergunto se Vera sente que sua vida é suficientemente criativa, ou seja, sente que é “digna de ser vivida”?

A criatividade que me interessa aqui é uma proposição universal. Relaciona-se ao estar vivo [...]. A criatividade que estamos estudando relaciona-se com a abordagem do indivíduo à realidade externa (WINNICOTT, 1975, p. 112).

Um dia, ao longo dos encontros, Vera, sussurrando, me falou sobre sua *doença*. Verificou se a porta e a janela estavam fechadas antes de começar a falar. Comentou sobre um tombo que levou aos nove anos de idade e diz que acredita ter sido este o fator desencadeador de não ter ficado *boa da cabeça*. Me mostra o galo – diz que a marca ficou até hoje.

Vera passou por internações na casa de saúde “Anchieta” e na Fundação Espírita “Américo Bairral”, que são exemplos de instituições cujo principal objetivo era o tratamento e a normalização de pacientes com doenças mentais. O Anchieta – fundado em 1951 e localizado na cidade de Santos/SP, era conhecido como “Casa dos Horrores”, por ser um local onde se praticava maus tratos, com superlotação e ausência de terapias. As pessoas eram torturadas e humilhadas.

Foucault (1978), a partir de História da Loucura na Idade Clássica, inverte a explicação científica das reorganizações institucionais, demonstrando como as instituições surgem de necessidades sociais e não de descobertas científicas ou do avanço do conhecimento.

A instituição psiquiátrica é uma construção do século XVIII. A partir desse lugar para lidar com o que fugia dos padrões normais da condição humana, estabeleceu-se “o diferente”,

aquele que não segue o padrão de comportamento que a sociedade define. O doente mental, o excluído do convívio dos iguais, dos ditos normais, foi então afastado dos donos da razão, dos produtivos e dos que não ameaçavam a sociedade. Vera era vista como *doente e louca*. Ao dizer isso, parecia repetir – de modo automático – um discurso de condenação sobre seus modos de ser e existir. Durante muito tempo de sua vida, determinaram quem ela era e o que podia ou não fazer.

Winnicott (1971/1975) fala que a ausência de um ambiente capaz de acolher e de estimular o movimento autêntico do homem impossibilita o viver criativo e gera sentimentos de insatisfação, anestesia e angústia. Nessas condições, perde-se a capacidade de se sentir inteiro em uma ação ligada ao ser e, conseqüentemente, em relação à construção da própria vida.

Ao observar Vera, perguntava-me o quanto aquela vida estava presa às curvas normativas, em uma relação de submissão à realidade; o quanto seria possível permanecer ao seu lado e ser sensível a sua porosidade. Começo a pensar como a prática clínica pode proporcionar experiências que ampliem as conectividades com o mundo e com outros modos de funcionamento. Produzir dispositivos de experimentações de uma situação de desvalor para a emancipação – e aumentar o poder contratual do sujeito, possibilitando outros jeitos de ser e de fazer.

Neste contexto, o terapeuta se apresenta como alguém com quem é possível estabelecer relações, experimentar novos modos de agir e de existir. Alguém que possibilita a vivência de momentos diferentes e prazerosos, que poderão se transformar em marcas significativas e provocar mudanças. É necessário que o terapeuta seja capaz de tecer estratégias que não tenham o ímpeto da correção, mas que o coloquem em uma posição de disponibilidade, para seja capaz de disponibilizar-se para as sutilezas e a diferença.

Acredito que a tarefa permanente foi a de sustentar os encontros. É preciso deixar-se tocar pelo que incomoda e ter paciência. A paciência não é uma passividade, ela é uma ação. Não é uma espera por algo, mas sim a conduta que devemos ter para produzirmos movimento, aquilo que não devemos esperar que um outro faça sozinho. Escrevo sobre uma clínica capaz de sustentar o encontro e suas reverberações no corpo e ambiente. Para sustentar o encontro, é necessário estar *disponível* para o outro. Estar presente, não é sinônimo de estar disponível. A presença exige um corpo posicionado, olhos atentos e ouvidos interessados. Já a disponibilidade, envolve a função de acolher que não se define como um gesto único e nem um lugar. A função de acolher, depende das variáveis de elementos que se encontram e provocam afetações entre si.

Cena II – Aposta no Encontro

“Amparar o outro na queda: não para evitar que caia, nem para que finja que a queda não existe ou tente anestesiá-lo os seus efeitos, mas sim para que possa entregar-se ao caos e dele extrair uma nova existência. Amparar o outro na queda é confiar nessa potência, é desejar que ela se manifeste. Essa confiança fortalece, no outro e em si mesmo, a coragem da entrega.”

(Rolnik, 1993)



Fotografia: registro próprio

Ameaço tocar a campainha. Vera aparece. Estava me esperando pela janela. Havia uma expectativa ali. Diversos mundos e um abraço de “oi”. Vera me convida a entrar. Percorremos um caminho – olhamos o jardim, as flores, falamos sobre a perna que manca.

Essa semana lembrei da senhora – eu digo. Vi uma orquídea linda, a senhora ia gostar.

Começamos a construir assuntos comuns. Na sala, Vera me convida a sentar – nossas pernas se encontram e se esbarram embaixo da mesa. Vera pega seu pano de prato e começa a pintar. Silêncio. Brinco com a tintas e a observo pintar. Vera termina uma flor e molha o pincel na água. Sem falar, ofereço-lhe uma cor de tinta diferente. Minha sugestão é aceita. Vera, também sem usar a voz, me oferece um pincel. Pintamos juntas a flor.

Diário da Pesquisadora, 2012

Voos e Pausos

Ir à casa de Vera se tornou um compromisso semanal, assim como os telefonemas no dia anterior para confirmar a ida e antecipar as novidades que seriam contadas no dia seguinte. Em sua casa, percebo que a cada visita sou, lentamente, convidada a ficar um pouco mais. Vera me oferece um copo de água e pela primeira vez nos levantamos da mesa e vamos à cozinha. Novos elementos começam a fazer parte do nosso cenário. Vejo papéis com datas de consultas médicas pregados na porta do armário, remédios e uma garrafa de vinho vazia no chão. Vera cruza os olhos com os meus olhando para a garrafa e diz baixinho: *“Eu não bebo, Thaís. Foram minhas irmãs que vieram aqui e tomaram um pouquinho de vinho. Depois que comecei a tomar remédio, nunca mais bebi. Nem socialmente”*. Não digo nada, apenas levanto a sobrancelha e balanço a cabeça ouvindo atentamente o que ela diz. Na sequência, começamos a falar sobre o passado.

Vera diz que nunca conversou sobre esse assunto com ninguém, pois tem vergonha. Suas irmãs dizem que ela não deve contar que sofre de *problemas na cabeça*, pois vão achar que ela é louca. Permaneço em silêncio, olhando atentamente para Vera, esperando-a se sentir confortável e seguir com a história. Me mostro disponível para a escuta. Vera segue: *“Passei muitos anos da minha vida sem falar com minhas irmãs, foi um período muito ruim. Me relacionava com um rapaz que não prestava. Não tinha nem o que comer. Teve um dia que não sabia o que fazer, então só andei... de um lado para o outro, eu andava.”*

Nesta cena é possível perceber que ao construir a relação com Vera, foram feitos movimentos de “pousos e voos”:

Voos e pousos diferem quanto à velocidade da mudança que trazem consigo. O pouso não deve ser entendido como uma parada do movimento, mas como uma parada no movimento. Voos e pousos conferem um ritmo ao pensamento, e a atenção desempenha aí um papel essencial. (KASTRUP, 2007, p. 16).

O pouso é um estado de quietude, de atenção aos gestos e àquilo que não é dito. É necessário delicadeza para se aproximar e saber quando e onde pousar. Como uma dança dos gestos e corpos. Corpos capazes de se moverem e se sensibilizarem. O conceito de invasão, numa perspectiva winnicottiana, é fundamental. É graças às invasões que o sujeito acaba por desenvolver defesas, na tentativa de proteger o verdadeiro *self* (Winnicott, 1952/1988). Invasões são experiências que não podem ser criadas pelo indivíduo e, desta forma, não podem

ser por ele integradas em seu ser e em seu fazer, promovendo a sensação de não estar vivo e de não ser real.

Apostar no encontro significa acreditar na capacidade de afetação desses corpos. Acreditar que as relações podem se compor e aumentar a capacidade de agir do sujeito. As pessoas, diariamente, umas com as outras, compõem relações em que são afetadas mutuamente. Se o encontro não te afeta, ele simplesmente não existiu. Segundo Espinosa, os afetos são o que há de mais real em nós. Os bons encontros mostram o que há de comum entre um corpo e o mundo. Minha relação com Vera foi permeada de encontros que foram produzindo novas experiências e composições diferentes daquelas conhecidas como sofrimento e privação.

Winnicott (1999) diz que todas as experiências que afetam o bebê são armazenadas em seu sistema de memória, possibilitando a aquisição de confiança no mundo, ou, pelo contrário, de falta de confiança. Vera, durante muito tempo em sua vida, teve encontros que diminuíram sua potência de agir. A integração do seu verdadeiro *self* foi interrompida, diminuindo sua vida criativa. Espinosa (2009) afirma que, quando o homem está imerso em um afeto de tristeza, está sujeito à potência de padecer, perde sua autonomia e está envolvido em uma relação de submissão. Porém, o autor diz que temos a capacidade racional de produzir um bom encontro, adquirida mediante contínuas experimentações e composições com o mundo. Se o afeto é de alegria, o homem tem a sua potência aumentada, sua ação no mundo é potencializada, possibilitando maior autonomia e liberdade.

Nos encontros fomos produzindo lugares comuns e a cozinha se tornou nosso espaço preferido. Tudo começou com o capim cidrão que foi observado no primeiro encontro. “*Dá pra fazer chá com ele?*” – e na semana seguinte lá estava o chazinho me esperando. Levei como quem não quer nada uma receita – “*Dona Vera, estou aguada para comer patê com torrada. Vamos fazer?*” – A partir daí, surgiram bolos, pizzas e almoços recheados de afeto e potência. O mais interessante da experiência vivida é a sensação – e a certeza – de que podemos ocupar outros lugares nunca antes experimentados.

Diário da Pesquisadora, 2012

Ao longo dos encontros, estar na casa de dona Vera foi ficando cada vez mais confortável. Percebo que criamos ritualidades em nossos gestos e que o silêncio não é mais estranho. Sentamos sempre uma de frente para a outra, sendo que a cadeira do lado direito é a minha. Eu coloco a mesa do lanche e lavo a louça. Vera, por sua vez, se aventura a preparar o lanche e me mostra o paninho que começou a pintar naquela semana. E assim seguíamos

repetindo nossas ações pelos próximos encontros. Através dos “fazeres”, construímos códigos – não secretos – identificados entre sujeito e terapeuta. Uma comunicação própria.

De acordo com Winnicott (1970/1999), a clínica acontece no âmbito do relacionamento entre duas pessoas, no qual não há lugar para hierarquia. Um não é superior ao outro e a saúde está relacionada com a mutualidade do relacionamento. Desse modo, há o “acontecer humano – que só pode ocorrer pela presença do outro”.

Fazer junto possibilitou uma aproximação com o modo como Vera se coloca no mundo, sua forma de se organizar e seus modos de existir. Possibilitou um disponibilizar-se para as sutilezas, tecendo estratégias singulares e viabilizou a criação de um ambiente capaz de apresentar o mundo em doses suportáveis. Convido, assim, Vera a ter, lentamente, novas experiências:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 24).

A medida em que experiência, o sujeito se fortalece e tem novas capacidades integrativas, ou seja, mais elementos podem ser integrados. Consequentemente, tem-se um sujeito capaz de agir e não apenas reagir ao mundo. Através do fazer, formamos um novo corpo, capaz de pulsar vida.

A possibilidade de SER

*“Vou mostrando como sou
E vou sendo como posso
Jogando meu corpo no mundo
Andando por todos os cantos
E pela lei natural dos encontros
Eu deixo e recebo um tanto [...]”*

(Luis Galvão / Moraes Moreira)

A partir da construção da relação, nossas conversas foram se tornando mais verdadeiras e deram espaço a temas como o medo de se relacionar, de sair de casa sozinha e de ser, de fato, louca. O “ambiente suficientemente bom” deve assegurar a continuidade do processo de desenvolvimento pessoal e inseri-lo no conjunto da realidade sociocultural em que toma parte o indivíduo. Dessa forma, o ambiente deve cumprir o objetivo de trazer o mundo para a percepção da pessoa, ao mesmo tempo em que deve possibilitar que ambos, ambiente e pessoa, se integrem, de modo que a pessoa encontre seu lugar (WINNICOTT, 2000).

Durante um de nossos lanches, Vera levanta, fecha as cortinas e sussurra para mim: *“Não conta para ninguém, mas eu sofro de transtorno”. Um dia quando era pequena, uns 10 anos, mais ou menos, cai e bati a cabeça. Desde então, peguei isso daí. Tenho o galo até hoje, coloca aqui a mão na minha cabeça para você ver – mas não conta para ninguém, tá?”*

Winnicott (2000) diz que, além do colo da mãe, há uma série de ações que podem ser ativadas na família, no bairro, na sociedade; o fornecimento de um ambiente que cuida “é a estabilidade do ambiente que realiza a terapia”.

Me mostra emocionada a música que narra sua juventude:

*“Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Tantas vezes se escondeu
Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê flor e fruto [...]”*

(Coração de Estudante – Milton Nascimento)

Com os olhos cheios de lágrimas, diz ter se sentindo podada. Renunciou a seus sonhos, à vontade de trabalhar, de ter um marido e filhos. Vera também morou na rua, teve um relacionamento abusivo, passou fome e frio. *“Cheguei ao ponto de não ter dinheiro para comprar um absorvente. Entrei numa farmácia e pedi para me darem; estava sangrando. Não teve jeito. Me deitei no banco da praia e rezei para aquele dia acabar.”*

É possível observar que houve a construção de um espaço intersubjetivo seguro e confiável, capaz de sustentar e possibilitar a abertura para trocas e conversas íntimas. Winnicott (1951/2000) parte da noção de que todos nascemos potencialmente dotados de criatividade primária, que se realizará na medida em que puder contar com um ambiente humano suficientemente bom.

Winnicott (1963) afirma que, para um desenvolvimento adequado, a criança precisa de uma provisão saudável do ambiente e este permite a construção do *self* na presença de alguém que a auxilie nesse processo e a reconheça em sua singularidade. Na infância, a mãe ou a sua substitua tem por função apresentar o mundo ao bebê e proporcionar a experiência de onipotência na criação da ilusão daquilo que é encontrado por ele. Nesta potencialidade reside a base da capacidade criativa. Mas esse ambiente satisfatório é também um ambiente que possui falhas que dão espaço à desilusão. Esse processo de reconhecimento de que o mundo não é criado, mas construído a partir da presença de um outro, possibilita, ao bebê, o estabelecimento de um espaço potencial, aquele no qual o outro não está, e cuja ausência pode ser suportada a partir de uma área de experimentação, espaço onde pode habitar a criatividade (SAFRA, 2005).

Nessa área intermediária, ocorrem experiências estéticas que, por seu caráter sensível, material e criativo, são essenciais para a constituição e apresentação do *self*. São experiências através das quais o sujeito cria uma forma sensorial que dá conta de uma vivência. A experiência estética, no entanto, só é possível na presença de um outro, que, ao validar o gesto de alguém como expressão de seu *self*, coloca a vida em movimento, instaurando um processo de vir a ser no mundo no encontro com outros corpos. A criatividade, que implica levar em conta o ambiente, é a condição de possibilidade da experiência de ser: sentimento de estar vivo, de existir de maneira viva.

Ao facilitar a experiência, foi criado o espaço potencial. A qualidade "potencial" do espaço intermediário se manifesta em sua dupla natureza: hiato entre o sujeito e o mundo, constantemente preenchido, porém, pela atividade lúdica. Parafraseando Safra (2000), é no espaço potencial que o sujeito pode completar o processo de construção de seu *self* – no qual surgiria inicialmente o ato de brincar, que será paulatinamente substituído por aquele da criação cultural. Segundo Safra (2000), o mundo da área intermediária não é apenas o lugar de encontro

com o outro, mas também consigo mesmo e, quando trabalhamos dentro da área dos fenômenos transicionais, tomamos o mundo como campo de jogo. As atividades, os elementos do cotidiano, as situações presenciadas por nós, os objetos da cultura, podem ser instrumentos de intervenção com as pessoas com as quais trabalhamos, rompendo o espaço da clínica, ampliando-o em direção ao mundo.

Cena III – Atividades: Fazer, Agir, Ser



Fotografias: registro próprio

- Anota aí, Thaís:

3 ovos

2 xícaras de farinha

1 xícara de óleo

“Você quer aprender a fazer biquinho nos panos de prato? É tão fácil, oh... passa por traz, faz a voltinha aqui, passa por dentro desse, conta três e PRONTO!”

“Faz anos que eu não comemoro Natal. Mas acho que tenho uma árvore guardada. Você gosta tanto assim? Posso ver se acho pra gente montar.”

Diário da Pesquisadora, 2013

Fazer

A Terapia Ocupacional carrega no nome o termo ocupação. Termo que confunde, pesa e amplia. Tem como aspiração utilizar as atividades como instrumento de sua clínica e muitos são os que se debruçam em pesquisar e discutir os termos que englobam o fazer. Meu objetivo neste capítulo não é abordar a complexidade teórica da definição de termos, seguiremos com a reflexão sobre as reverberações e as afetações do modo *como* as atividades incidem em nossa prática. Tais reflexões vieram ao encontro da minha pergunta central dessa dissertação e ganharam consistência ao alinhar teoria e prática.

É possível dizer que, em certos momentos da vida, as atividades que indicam que uma pessoa está viva são apenas reações a estímulos. Retire os estímulos e o indivíduo não tem vida (WINNICOTT, 1970/1999). Para poder ser, e para ter o sentimento de que é, deve-se ter uma predominância do fazer-pelo-impulso sobre o fazer-reactivo (Winnicott, 1970/1999). Viver criativamente é preservar algo de pessoal, talvez algo secreto, que só um sujeito faz. Fazer algo seu. Não necessariamente novo, mas suficientemente criativo. A criatividade é a retenção por toda vida de algo que pertence ao bebê: a capacidade de criar o mundo. No viver criativo não há submissão, há liberdade e espontaneidade, há impulsos e não reação a estímulos simplesmente, há convicção de ser si mesmo. O que marca uma vida não-criativa é o sentimento de que nada tem significado, o sentimento de que nada importa. “*Retire os estímulos e o indivíduo não tem vida.*”

Criar não significa inventar ou inovar. A criatividade reside no modo como conseguimos a percepção, através da concepção e da apercepção. Uma forma de cozinhar é, por exemplo, seguir as instruções do livro de receitas. Outra forma, porém, é experimentar o seu jeito de fazer – o jeito que é *possível*. Talvez trocar alguns ingredientes ou a ordem do preparo. O resultado pode ser o mesmo, mas há algo mais prazeroso em descobrir a cozinha criativa, mesmo que às vezes algo dê errado ou que o gosto fique um pouco esquisito.

Pode-se dizer, portanto, que *self* e criatividade estão indissolavelmente ligados. Nessa perspectiva, o ato de criar está co-relacionado ao conceito de experiência estética, ou seja, uma experiência que não é facilmente esquecida e tem um caráter emocional. Procede de um processo de autocriação e promove a comunicação dos sujeitos e da forma de eles se apresentarem no mundo. “A experiência estética emerge na vida cotidiana, mas ela se define, entretanto, como uma experiência especial que faz com que a vida não se apresente como uma corrente homogênea e uniforme de fatos banais” (Kastrup, 2010, p. 39).

Eu e Vera. Eu, Vera, o pano de prato e as tintas. Olho suas mãos que seguram delicadamente o pincel. Algo me entristece. Vejo atividade, mas não vejo vida.

Diário da Pesquisadora, 2013

Na teoria winnicottiana, sem criatividade ocorre a acomodação na falsa vida, o falso *self*. A partir da reflexão sobre o conceito de criar – em paralelo ao verbo *fazer*, utilizado para descrever ações rotineiras – no trecho acima me questiono sobre a qualidade de propositos de fazeres designada aos terapeutas ocupacionais: “Um processo de terapia ocupacional deve ser marcado por uma relação terapêutica que proporcione ao paciente condições efetivas de facilitação do fazer” (FERRIOT, 1997 p. 32).

Vera já pintava quando cheguei em sua casa. Aqui, meu olhar sobre atividades se afasta do sentido de compreendê-las para se aproximar do sentido de vê-las. Questiono a mim mesma sobre uma clínica pautada na atividade. Trago a reflexão de uma clínica que pensa a criatividade humana como aspecto fundamental para a possibilidade de agir. De acordo com Winnicott, nossa existência não está dada. Temos a tendência inata à integração, porém podem ocorrer rupturas em nossas vidas que nos façam congelar. Nesse momento, deixamos de experienciar nosso verdadeiro *self* e o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida. Uma clínica que anda de mãos dadas com o ambiente e que acontece a partir dos encontros; que tem como recurso a expressão da criatividade, da possibilidade de o sujeito criar o mundo por meio do seu gesto espontâneo. Uma atividade que se propõe criativa, pois, entre o entrelaçamento com o ambiente, faz com que o sujeito possa criar, transformar, colocar algo de seu no mundo compartilhado.

Na posição de aprendiz de cartógrafo, me dediquei com receptividade afetiva a acompanhar os processos de criação. Ao invés de propor ou supervisionar a atividade, descobrimos juntas novas tonalidades das cores já conhecidas. Variações de cores que talvez só existam na nossa relação, mas que podem sempre se misturar com outras e formar uma grande aquarela. “Para controlar o que está fora, há que se fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, e fazer coisas **toma tempo**” (WINNICOTT, 1975, p. 63). *Há que se fazer coisas e fazer coisas toma tempo...* Fizemos bolo e Vera lembrou do dia em que não tinha o que comer. Pegou os ovos na geladeira, pediu pra eu pegar o açúcar e a cada ingrediente diferente descobria algo novo sobre si. Misturava-se entre os temperos e suas várias versões de si. Ao final, não tínhamos mais ovos, farinha e açúcar... tínhamos um bolo! Da mesma forma, não era mais a Vera do primeiro encontro. O fenômeno da criação, enquanto encontro de mundos, é inusitado, surpreendente e encantador. É preciso suportar o caos confiando que, em algum

momento, ele, como que por si só, encontre a organização necessária para conter o incontível. Vera lembrou-se também do dia em que tinha o que comer, mas não tinha talheres e comeu com as mãos. **Paramos.**

Outra tarde, fizemos uma carta “mágica” – que chegaria em qualquer lugar do mundo, para vivo ou morto. “*Esquisito isso! Sempre tive vontade de escrever pra minha mãe, Thaís... ela morreu e muita coisa não foi dita*”. Não mandamos! Mas tivemos a brecha para falar das dores da mãe, que não soube lidar com as internações e se afastou. **Paramos.**

Fizemos pano de prato e conversamos sobre como era bom fazê-lo! Paramos e Fizemos... Cultivamos novos modos de fazer o mesmo. Como dito no capítulo anterior, é necessário imprimir um ritmo próprio à ação, criar espaços pessoais de voos e pousos.

[...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).



Fotografia: registro próprio. Bordado

Para Alves (2001), é nas práticas cotidianas que encontramos possibilidades de romper naturalizações e certezas. Segundo Dewey (1980) a experiência consiste no aumento da potência da vitalidade e da troca ativa e constante com o mundo. Não há arte, para Dewey (1980), sem a noção fundamental de que o agir permite a passagem do *não ser* para o *ser*, noção que vai ao encontro do conceito de construção de *self* formulado por Winnicott.

Diante dessas considerações, passo a pensar no papel do terapeuta ocupacional como um propositor de encontros do sujeito com seu próprio *self*. A clínica, nesta nova configuração, é aquela que está voltada para a promoção de processos de vida e de criação e que poderá, portanto, comportar uma outra saúde. Não uma saúde de ferro dominante, mas uma irresistível saúde frágil; como diria Deleuze (1997), marcada por um inacabamento essencial que, por isso mesmo, pode se abrir para o mundo; “uma saúde tal, que não somente se tem, mas que constantemente se conquista ainda, e se tem de conquistar, porque se abre mão dela outra vez, e se tem de abrir mão!” (Nietzsche, 2001).

Exige-se do terapeuta ocupacional que ele aplique ou supervisione atividades com determinados pacientes, dando-lhes um caráter terapêutico; em todos os lugares, sob quaisquer condições: no hospital psiquiátrico, na prisão, nos centros de reeducação, orfanatos, etc. O que importa é o objetivo terapêutico, capaz de transformar qualquer atividade em atividade terapêutica. Isto é, na minha opinião, um mito. (NASCIMENTO, 1990, p. 17).

Nesta perspectiva, apresento possibilidades de pousos e voos; atividades, pausas e relacionamento. Facilito o nascimento e/ou a permanência do desejo, da criação e da existência.

Em uma clínica permeada pelo fazer, capaz de possibilitar uma virtuosidade para “abrir o corpo” e respirar saúde, me coloco como um “intercessor na emergência do estranho, do novo, que torna possível desconstruir espaços de territorialização opressiva; no agenciamento de novos encontros com outros sujeitos, com objetos, com o próprio corpo, que atuem como caminhos na ampliação de outras esferas da vida.” (LIBERMAN, 1998). A cada bom encontro, aprende-se a produzir novos encontros. Compor bons encontros é uma grande arte. Como diz Favaretto apud Santos (2000), a arte pode ser muitas coisas, mas é, sobretudo, uma experiência da delicadeza.

“Eu conheci uma terapeuta ocupacional no hospital, Thaís. Ela ensinava a gente a fazer caixinha e eu não gostava muito. A gente mal se falava.”

Vera, 2013



Fotografia: registro próprio – um de nossos lanches feito por Vera

Agir

Na cena II (Aposta no Encontro), Vera contou sobre a descoberta de sua doença e os caminhos que sua vida foi seguindo. Passou por mais de vinte anos entre internações manicomiais, hospitalares e hospitais-dia. Não tinha amigos; não podia ter. Os quartos eram sempre frios e vazios, pois as pessoas podiam se machucar com qualquer objeto que tivessem por perto. As enfermeiras eram ásperas e não conversavam com os internados. *“Eu tinha apenas uma camisola que fui vestindo do corpo, mais nada ali era meu.”* (Vera, 2013). Vera não se identificava com nenhuma forma de vida que por muito tempo viveu.

Nas instituições totais há outra forma de mortificação; a partir da admissão, ocorre uma espécie de exposição contaminadora. No mundo externo, o indivíduo pode manter objetos que se ligam aos seus sentimentos do eu – por exemplo, seu corpo, suas ações imediatas, seus pensamentos e alguns de seus bens – fora de contato com outras estranhas e contaminadoras. No entanto, nas instituições totais esses territórios do eu são violados; a fronteira que o indivíduo estabelece entre seu ser e o ambiente é invadida e as encarnações do eu são profanadas. (GOFFMAN, 1961, p. 31).

Para Sacks (1995), a doença é um processo do sujeito e há uma complexidade no processo saúde-doença que ultrapassa o orgânico. Há, também, uma construção de subjetividade, por isso nunca se deve tratar somente o sintoma; é necessário que se trate o sujeito em todas as suas complexidades. Correlacionado a isso, Safra (2005) diz que o homem como ser criativo só existe pela experiência da liberdade de ser o que é; diz que a questão fundamental não é a morte, mas a identificação e encarnação de si no outro. *“Compreender o ser humano como um ser criativo e como um ser de ação significa que ele está em um contínuo processo de invenção de si mesmo”*. (WINNICOTT, 1971/1975).

Através da arte – aquela que acontece no dia a dia – como o fazer de um bolo, pintar um pano de prato, arrumar os móveis ou até mesmo receber alguém em casa, Dona Vera pôde romper com os automatismos e se apresentar diferente. A capacidade de ser criativo está intimamente relacionada ao fato de ter autonomia: se sentir seguro o suficiente para fazer apostas diárias no mundo. Transgredir os próprios limites antes vivenciados – encontrando suporte no ambiente. Desenvolver uma tolerância diante do que é pontualmente invasivo depende, por sua vez, da real disponibilidade das experiências boas proporcionadas – *“de modo que a intrusão externa possa ser sentida pelo indivíduo como um estado provisório do qual virá a se recuperar.”* (WINNICOTT, 2010, p. 125).



Pano de prato pintado por Vera. Fotografia: registro próprio.

Nos encontros, foi possibilitada a criação de espaços para novos modos de existir criativamente em meio ao enriquecimento dos anos. Nos pequenos *fazeres* houve a reinvenção de si e do mundo – houve a possibilidade de um estado de saúde. Na qualidade de terapeutas ocupacionais, nos é atribuído o papel de promover saúde e possibilitar a construção de cotidianos potentes através das atividades. Cotidiano potente me faz pensar em liberdade de existência. Como vimos anteriormente, o oferecimento de um ambiente seguro é a condição para a experiência da integração do *self* e o desenvolvimento do potencial criativo. O aspecto fundamental da criatividade humana é a possibilidade de agir. Neste capítulo, houve a ampliação de um processo de construção subjetiva de Vera e, conseqüentemente, a possibilidade de uma condição mais integrada de estar no mundo. O ambiente que acolhe o gesto criativo permite ao sujeito mostrar sua presença que, em sua singularidade, significa a capacidade de se sentir vivo, real e atuante em uma realidade que o coloca frente a frente com a alteridade irredutível do mundo.



Toalha bordada por mais de um ano, presente dado para eu usar quando casar!

Fotografia: registro próprio.

Cena IV – Ampliação das Relações

“Não sei o que me oprime o coração – se é minha alma que deseja sair, ou a alma do mundo batendo em meu coração para entrar.”

(Rabindranath Tagore, 1991, poema 168)



Fotografia: registro próprio. Ida à exposição de Sebastião Salgado

Acreditando na ampliação das relações, pensamos em supervisão que Natália – estagiária de Terapia Ocupacional e extensionista do Projeto Cartografias Femininas em 2013 – poderia começar a fazer parte dos encontros. Conversei com Vera e **perguntei o que ela achava**. Disse que contava para todo mundo das coisas bonitas que fazia – dos panos de prato que pintava, dos lanches gostosos que preparava... – e que Natália ficou com vontade de se juntar a nós. Vera riu! *“Imagina, Thaís, você acha mesmo que ela vai gostar das minhas pinturas?”*. Na sequência me pediu para não comentar nada sobre seu transtorno: *“Sabe, Thaís, eu não tenho vergonha – mas eu não sou igual àquelas pessoas do NAPS – eu sou limpinha, corto as unhas, não fico gritando.”* Com serenidade e **um leve toque em sua mão**, respondi que não contaria nada.

Diário da Pesquisadora, 2012

Uma aproximação

Vera mora sozinha e mantém contato semanal com suas irmãs. Sempre traz em suas falas a dificuldade de se relacionar e diz que prefere viver só do que ter de fazer uso do jogo social que as relações naturalmente exigem. Na casa da frente, mora a dona da casa que Vera aluga – vizinha que há muitos anos partilha o espaço físico com ela. Pergunto se são amigas e Vera responde que não, que sabem conviver e respeitar o espaço uma da outra. Falar sobre amigos ou possíveis namorados da adolescência sempre foi um tema delicado. Vez ou outra surge o assunto e Vera repete que aprendeu a viver com a solidão e acrescenta: *“Apesar disso, Thaís, não sou como os outros do NAPS, eu me cuido para não parecer uma pessoa esquisita. Corto as unhas, corto meus cabelos... Me retiro antes de não parecer bem.”*

Entre pintar um pano de prato e comer um pedaço de bolo, comecei a contar para Vera o quanto é prazeroso para mim estar com outras pessoas no meu dia a dia. Contei sobre o dia que minha irmã fez aniversário e levamos um pedaço de bolo no apartamento da vizinha que sempre nos socorre; em outro dia, comentei que havia convidado uma amiga para almoçar. Vera ficava sempre atenta me ouvindo, mas nada dizia. Certo dia, sem jeito, me disse que queria ser mais próxima da senhora da casa da frente, a dona da casa. Gostava dela, mas não sabia como fazer isso. *“Como a senhora não sabe? Fez isso comigo!” (pisquei!) – Estou aqui até hoje porque a senhora me conquistou! Abriu a porta de sua casa e me fez querer ficar! Acho que a senhora sabe mais do que pensa!”* Vera riu e respondeu: *“é verdade, talvez eu saiba!”*



Fotografia: registro próprio

Para Schmitt (1990), os gestos são “*definidos da maneira mais geral, como os movimentos e as atitudes do corpo*”. O movimento, ou ação, seria próprio do gesto. Na cena descrita no início do capítulo, escolho tocar Vera ao dizer que não contaria nada para Natalia, nova integrante da nossa relação. Há ali um jogo, um gesto e um movimento. Remeto-me à Winnicott (1988/1990): “tem a ver com duas pessoas brincando juntas [...] e a brincadeira não é circunscrita por regras previamente acordadas”. Convido Vera a brincar comigo, convido-a a reconhecer-se dependente da relação que construímos juntas. Me coloco disponível para sustentar esse lugar desconhecido e respeitar aquilo que não é verbalizável. Em Winnicott, o homem só pode encontrar a si mesmo em sua relação com os outros e na independência conseguida por meio do reconhecimento da dependência. Cabe aqui dizer que a autonomia do sujeito se realiza na relação entre sujeito e mundo, sendo, por definição, uma autonomia relacional ou coletiva. Rompe-se, assim, com a concepção de autonomia como individualidade e autossuficiência.

Vera – que a princípio não queria receber visitas – aceita abrir sua casa para uma terceira pessoa desconhecida. Mas, receosa, pede para que eu não conte seus segredos que foram a mim compartilhados. Seria necessário, nesse momento, um novo começo. Não seria mais Vera e eu. Nos acostumamos a nós. Criamos uma rotina e gestos próprios. Ao escolher tocar Vera para dizer que nada contaria, digo, sem palavras, que estava tudo bem. Não tenho como garantir que será algo bom, mas posso proporcionar que seja seguro. São sempre inícios as trajetórias; não é apenas o primeiro dia que marca o início de um processo e nem o último, o seu fim, mas constantes inaugurações “de um pensamento que se formata, uma palavra que se materializa em um gesto, um movimento” (LIBERMAN, 2007).

Penso que Natália também precisava ser apresentada àquele território. Planejo ter um bom encontro com ela e apresentar aquilo que não é palpável ou que não está escrito nos diários de campo. Combinamos de nos encontrar mais cedo. Chegando na Zona Noroeste, mostro os lugares que se tornaram confiáveis para mim. Primeiro vamos ao Dale Coutinho, centro esportivo que fica ali perto. No tempo livre, me acostumei a ficar ali, à beira da piscina, fazendo minhas coisas e vendo o movimento. Na sequência, vamos comer coxinha: a melhor da cidade. Comemos, rimos, conversamos sobre Vera e sobre nada.

Estávamos prontas para seguir. A aproximação é lenta, gradual e gestual. O primeiro encontro – e os próximos que se seguiram semanalmente durante um ano – foram recheados de histórias e passeios. Nós três construímos uma relação de muita confiança e marcada por muitos fazeres e afeto. Em sua teoria da brincadeira, Winnicott (1971/1975) apresenta uma relação direta entre o desenvolvimento do potencial criativo e da afetividade. Menciona um “clima”

afetivo que envolve a experiência criativa e que evidencia o sentimento de confiança presente no acontecimento.



Fotografia: registro próprio

A partir da entrada de Natália na casa de dona Vera, foi possível começar a criar uma rede de agenciamentos. O conceito de agenciamento ajuda a pensar o movimento de acompanhar o sujeito na construção ou ampliação de seus territórios existenciais, isto é, em sua forma de significar e interagir com o mundo. Guattari e Rolnik (1986) dizem que um território de existência é um lugar em que o sujeito se sente “em casa”, sinônimo de apropriação, onde desembocam todas as paixões, forças, fraquezas; onde as histórias do homem se realizam a partir de suas expressões, de suas formas de existir.

Segundo Deleuze e Guattari (1997), um agenciamento é uma conexão complexa de componentes que passam a demarcar esteticamente os limites de uma apropriação subjetiva. Ao tecer esses processos, diferentes tipos de agenciamentos se articulam e possuem elementos que servem como vetor de passagem de um a outro. Os "componentes de passagem" formam pontes e são os responsáveis pela formação de novos agenciamentos. Essa noção de componentes de passagem tem enorme importância clínica, pois é de agenciamento em

agenciamento que se constroem ou se ampliam territórios existenciais e que a vida pode seguir seu curso de expansão.

Sendo assim, a subjetivação produz novos territórios existenciais, e tenciona a invenção de novos mundos, em um processo simultâneo de invenção de si mesmo (Kastrup, 2007). A partir dessa noção, a entrada de Natalia foi crucial para criação de novas pontes, ampliação de repertório e estabelecimento de perspectivas de ações futuras. Natalia teve curiosidade em ver os panos de prato que eu já conhecia. Ao mostrá-los, Vera mostrou também o crochê e a florzinha de pano. Lembrou da carta que havíamos feito e mostrou também. A carta tinha a história da internação. Vera fechou as janelas, sussurrou e contou: “*Sabe, Natalia – eu sofro de transtorno!*”. Ufa, mais uma vez foi dito (e quantas ainda estariam por vir!). A consistência de um agenciamento pode emergir dos elementos mais simples e ser transformadora.

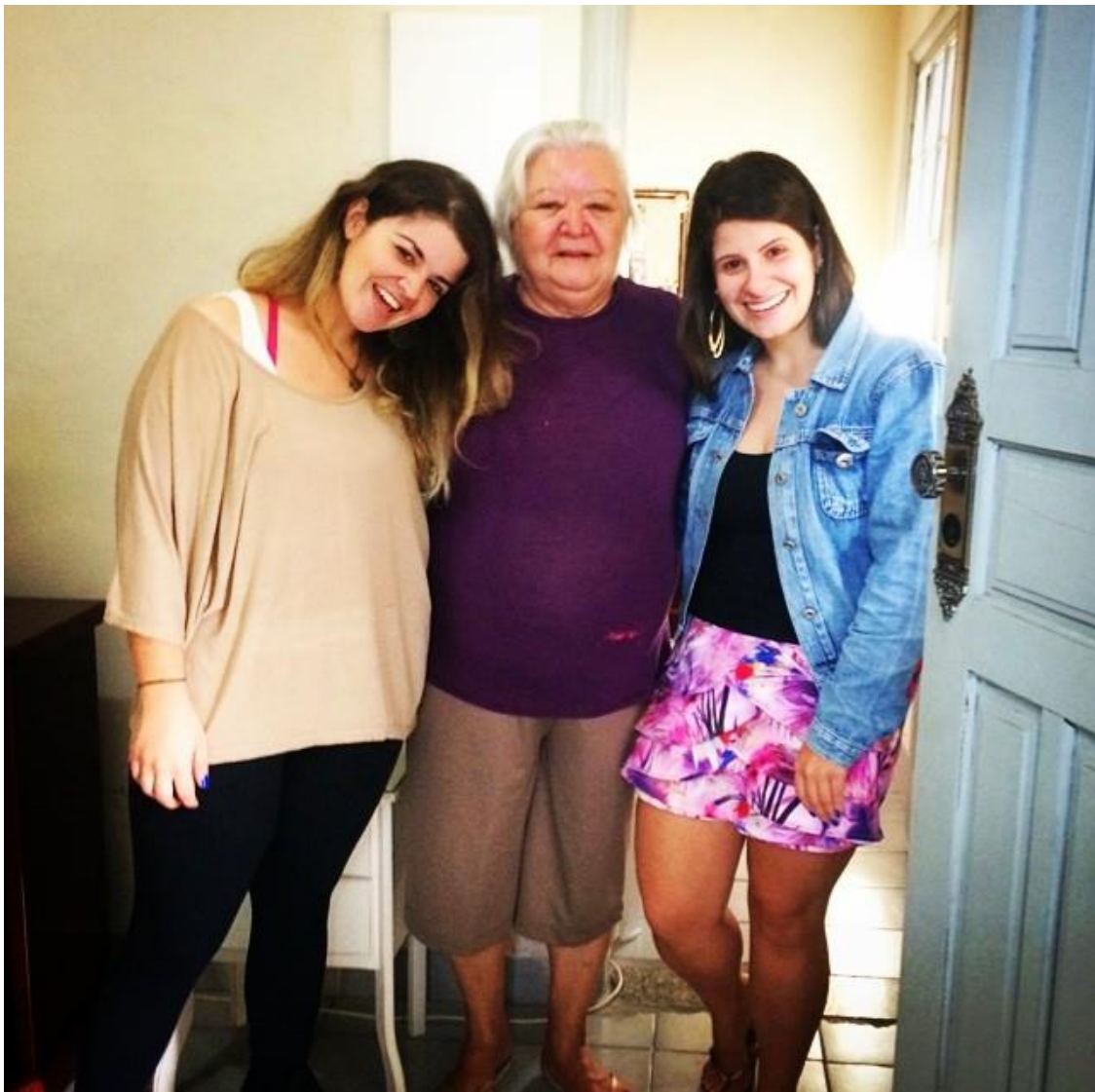
Fomos, pouco a pouco, com Vera, colorindo as paredes de sua casa. Começamos a expor suas obras de arte. Em seguida, demos de presente uma toalha nova para a tão esperada “hora do lanche” e fizemos brigadeiro em seu aniversário. Neste contexto, comprar a toalha que enfeita a mesa ou colocar quadros na parede deixam de ser caprichos do dia a dia e adquirem grande importância na constituição de um território existencial, na produção de saúde, e se afirmam enquanto uma clínica ampliada.

Cena V - Ida à Praia

Prisões, nem as de amor”

(Fernando Pessoa)

Um dia Vera nos contou sobre a vontade que tinha de ir à praia. Ver o sol, o mar... “Ah! Faz tanto tempo que eu não sei o que é isso.” Perguntei, espontaneamente, o que a impedia de ir. “Ah, Thaís... depois da minha doença (disse baixinho!) eu não saio mais. Ainda mais de bengala. Já pensou se encontro algum conhecido? Não, não... E não sei o que pode acontecer no caminho, tenho meus remédios, minhas limitações. Mas eu queria ver o mar!”



Fotografia: registro próprio

Programávamos um passeio há bastante tempo – e agora estava certo: **Vamos à praia.** Só nos resta saber, *como?* Nessa época, já tínhamos uma relação estruturada e bastante intimidade. Formávamos um bom trio.

Ir à praia significaria concretizar muitas de nossas ideias e conversas distantes. Falávamos, entre outras coisas, sobre passeios, viagens e sonhos impossíveis. Conversamos sobre vergonha, medos e preconceitos. *Será mesmo possível?* Desejávamos, nós três, ir além daquelas paredes.

Pegamos as bengalas e o andador emprestados no laboratório de ART (Atividades e Recursos Terapêuticos) da UNIFESP. A ideia era usarmos os recursos junto com Vera – que se sentia envergonhada por andar na rua usando bengalas. “*Vão me ver assim?*”, dizia Vera. Pensamos em ir de ônibus para fazer todo trajeto e explorar as possibilidades do caminho, mas ao darmos os primeiros cinco passos carregando as bengalas, Natalia e eu percebemos que a acessibilidade física das ruas não era das melhores e os recursos eram realmente pesados e machucavam. Não daríamos conta de fazer tantas coisas diferentes em uma primeira saída. Era melhor ir mais devagar. Optamos pelo carro – mais confortável, menos peso, menos riscos. *Será que podemos colocar a pessoa que, em “teoria”, estamos atendendo dentro do nosso carro?* – nos entreolhamos. Não sei, **vamos!**

Nós também estávamos com vergonha. *O que vamos conversar no caminho? Que música vamos colocar para ouvir?* Muitas coisas passavam na nossa cabeça. Estávamos nesse momento no segundo semestre do estágio de ações territoriais de Terapia Ocupacional da UNIFESP. Nunca soubemos se estávamos atendendo Vera – ainda mais naquele dia. Minhas amigas usavam branco, sapato fechado, cabelo preso e avental. Eu estava de shorts, indo à praia, levando a pessoa no carro comigo e pensando na *playlist* que ia colocar para ouvir. Era tudo muito confuso na época. Essas angustias e inquietações, ao longo do tempo, me trouxeram até esta dissertação.

Vera, por outro lado, sorria com os olhos. Contagiada pela nossa animação e agitação, entrou no carro e, por *descuido*, esqueceu a bengala. No trajeto, eu, que estava preocupada com a música, me surpreendi com as tantas histórias que surgiram a partir dos cenários. Nossa música foi a melodia de sua vida, contada em outro ritmo, outra voz. Natalia estava sentada no banco de trás. Olhei pelo retrovisor espantada – nos entreolhamos e sorrimos. Comentamos depois: “*Se soubéssemos que Vera falaria tanto ao sair, teríamos saído antes*”. Nem antes, nem depois – saímos no dia certo. Este dia foi cultivado a cada encontro. Variações possíveis são produzidas quando se mantém uma atenção a essas possibilidades que podem ocorrer quando menos se espera, no imprevisível, como em um convite para criar junto, amarrando

desejos em “nós”. O estender a mão para um encontro, mesmo que haja boas doses de medo e estranhamento.

Winnicott (2010) enfatiza que a corporeidade e a vida se constroem na história e na relação com o outro. Em Vigiar e Punir (1987), Foucault mostra como surgiram, a partir do século XVII, técnicas de poder que manipulam os gestos e comportamentos dos indivíduos – capazes de compor uma “anatomia, um corpo político”. Corpos ensinados a serem submissos para que suas forças econômicas possam ser totalmente usufruídas e, conseqüentemente, tornem-se úteis para o mercado. Lembremo-nos de Espinosa (2009) na questão inspiradora: o que pode o corpo, em resistência àquilo que ele deve. O autor problematiza, justamente, os modos de existir construídos a partir de modelos prescritos e mecanizados. Ao sermos capturados por esses movimentos, a vida esteriliza-se, acabando por funcionar em uma baixa potência.

Muitas das pessoas que chegam até nós estão dentro dessa lógica de controle – no qual são tratadas com objetivo de normatizar ou incluir. “A medicalização da dor de existir não é nenhuma novidade.” (BRUM, 2009). No entanto, algumas formas de se fazer terapia ocupacional têm, atualmente, invertido a lógica disciplinar e produzido caminhos que apontam para a direção oposta, afirmando o direito à diferença e encontrando positividade em formas de vida, as mais singulares e em situações, as mais adversas (LIMA, 2017).

Vera traz em seu corpo as marcas de sua história, das experiências e relações que estabeleceu. Tem artrose nos dois joelhos e na coluna. Sente muitas dores. “O corpo é um campo onde as marcas desse tipo de subjetividade são apresentadas em toda a sua concretude. Na forma de anestésias, tensões, dores...” (Lieberman, p.376, 1997). Fomos duas vezes juntas ao médico – uma no ortopedista e outra no psiquiatra. O ortopedista disse que sua dor não tinha mais jeito – era da idade. Talvez, algumas medidas preventivas para que o quadro não piorasse. Mas melhorar? Sem chances.



Fotografia: registro próprio

Winnicott foi um dos autores que mais se preocupou em sublinhar a importância da corporeidade para uma existência saudável. Desejo que o corpo de Vera seja afetado e produza uma nova memória de confiança através dessa experiência. A virtude do corpo é poder afetar de inúmeras maneiras simultâneas outros corpos e ser por eles afetado de inúmeras maneiras simultâneas, pois o corpo é um indivíduo que se define tanto pelas relações internas de equilíbrio de seus órgãos quanto pelas relações de harmonia com os demais corpos, sendo por eles alimentado, revitalizado e fazendo o mesmo para eles (CHAUÍ, 2011).

Ir à praia com Vera – apesar de todo estranhamento e constrangimentos internos e externos – significou romper uma barreira, assim como romperíamos muitas outras que viriam a seguir. Segundo Espinosa (2009), a liberdade não é a ausência de constrangimentos externos ou internos, mas a potência interna de agir, a efetividade do corpo político, tanto mais forte quanto mais o homem for instigado, motivado, mobilizado e relacionado com os demais e para os demais, com o mundo e para o mundo. Há nesta ação de deslocamento uma aposta política.

Vivemos juntas uma experiência estética – ou seja, uma experiência sensível que evoca forças vivas e que conecta o sujeito sensorialmente ao entorno e, ao mesmo tempo, lança-o num outro espaço tempo que desmancha formas costumeiras de lidar com as situações cotidianas e inventa novos modos de ser (MECCA, 2008). Este tipo de experiência se situa entre o

sentimento de prazer e o de estranhamento. No entanto, a experiência estética não é aquela meramente divertida ou que gera entretenimento, mas sim aquela que é marcada por sensações intensas” (Kastrup, 2010, p. 40).

É necessário criar um território propício à surpresa, ao acolhimento do inesperado e ao acionamento de movimentos inventivos (Kastrup, 2010). A experiência estética existe frente à arte, mas também emerge na vida cotidiana. Nos pequenos movimentos diários, podem existir deslocamentos capazes de se transformarem em experiências que são capazes de promover saúde e construir novos territórios existenciais para o sujeito.

Ela surge entrecortada por experiências marcantes. Um jantar, uma música, um encontro, uma tempestade ou uma viagem podem ser experiências desta natureza. Ao nos referirmos a ela dizemos: “Foi uma experiência! (DEWEY, 1980, p. 90).

Foram muitos os passeios, experiências e deslocamentos que vivenciamos juntas. Natália termina o estágio e se despede de Vera no começo de 2014. Eu estendo minha permanência inventando novos modos de estar ali. Ao se despedir, Natalia deixa uma carta que diz: *“Voe, minha borboletinha. Voe e mostre a todos aquilo que você confiou a mim.”*

Essa era uma despedida com sabor de novos começos...



Fotografia: registro próprio

Cena VI – Chegando ao Grupo de Mulheres

- “Mas o que vocês fazem lá, Thaís?

- *A gente faz o que tem vontade! Tem dias que a gente conversa, a gente já passeou, dançou, brincou... Ah! E tem o lanche também!*

- *Entendi! Um dia eu vou...*”

Diário da Pesquisadora, 2014



Foto: Nice Gonçalves

Acredito que este seja o capítulo mais difícil de escrever. No dia a dia, ele foi construído por muitos agenciamentos e foi um lindo movimento de sustentação, ampliação de conexões, autonomia e descobertas. Em paralelo aos encontros com Vera, acontecia toda quarta-feira à tarde o Grupo de Mulheres no Instituto Arte no Dique, na Zona Noroeste, em Santos. O grupo pode ser descrito como “um dispositivo multifacetado, de um movimento, de um sistema flexível e aberto que pode driblar definições rígidas de “saúde”, de “cultura”, ou de “serviço” (FERIGATO, 2013).

O grupo de Mulheres surgiu em 2009 inserido no eixo Trabalho em Saúde (TS) da Universidade Federal de São Paulo e faz parte do projeto político-pedagógico da universidade, que tem como ideologia norteadora a formação interdisciplinar. Os estudantes de educação física, fisioterapia, nutrição, psicologia, serviço social e terapia ocupacional são inseridos desde o primeiro ano de graduação em atividades que buscam articular teoria e prática nas principais regiões da cidade de Santos. O módulo “Clínica Integrada: produção de cuidado” é semestral e uma das atividades acompanhadas é o “Grupo de Mulheres”.

O trabalho no grupo busca proporcionar aos participantes possibilidades de deslocamentos, experiências estéticas, processos de criação e de cuidado que vão se tecendo pouco a pouco, articulando pessoas, ações e instituições. Pode funcionar como uma caixa de ressonância ao ampliar as possibilidades de intervenção (MAXIMINO, 1997). Galetti (2015) diz que esse modo de produção de saúde, que considera um campo de encontros de alteridade, é uma aventura clínica e provoca vida em todos os participantes, diante da diversidade de papéis que somos convocados a ocupar.

Acreditando que Vera podia engendrar novas formas de ser e estar a partir do encontro com o Grupo, pensamos em supervisão que seria importante sua inserção nesse espaço para promover novos deslocamentos e ampliar seus espaços de saúde e potências de vida. Ao propormos para alguém a participação em grupos das mais variadas atividades, buscamos proporcionar experiências de criação. Muitas vezes, essas experiências podem reverberar em outros modos de funcionar, viver e apresentar-se frente ao outro, criando diferentes realidades. O grupo tem a capacidade de fortalecer relações, transformar vidas e colocar em xeque os limites entre arte e não-arte, entre arte e vida, arte e clínica (Lima, 2006).

O indivíduo que temos diante de nós não é, frequentemente, senão, o
 “terminal” de todo um conjunto de agenciamentos sociais
 (Guattari e Rolnik 1982, p.251).

O convite de participar do grupo assustava Vera. Havia curiosidade em fazer parte, mas receio por tantos movimentos necessários. Seria necessário deslocar-se, organizar-se, estabelecer relações, dizer do que gosta e quais seus desejos. Além disso, poderiam descobrir que ela é *doente*. Como lidar com isso?

“O terapeuta, em uma atitude artesanal, deve estabelecer um corpo a corpo com cada um dos participantes, emprestando seu desejo de que o grupo se constitua.” (Maximino; Liberman; pág. 21, 2015). Trata-se de um exercício permanente de sensibilidade, com aproximações e afastamentos que ampliam e redimensionam repertórios pessoais e existenciais.

Vera chegou ao grupo. Garanti que permaneceria junto. Passamos em sua casa para fazer o que chamamos de “colheita”: com uma van ou ônibus disponibilizados pela universidade, os alunos saem do campus e buscam as mulheres em suas casas para levá-las ao instituto, onde ocorrem as atividades. Para garantir a acessibilidade dessas mulheres, é disponibilizado um degrau apropriado para entrada no transporte. Segundo Liberman (2014), “o trabalho trata de uma forma de acolher, uma experiência onde o acolher é chamado de “colheita”.

Ampliar o acesso é um dos objetivos principais do nosso trabalho, porém não se trata apenas do acesso concreto das pessoas em relação a sua mobilidade espacial nem de disponibilizar ofertas, trata-se de promover possibilidades para os encontros consigo mesmo, com as pessoas e com coisas. (LIBERMAN; MAXIMINO, no prelo)

Segundo Oliveira (2000), acolher é receber bem, com atenção, tempo e disponibilidade para escutar e valorizar as particularidades de cada caso. Significa promover condições para quem sofre expressar sua dor; acolhe-se a cultura, as relações, os valores, os modos de fazer, a insegurança, as diferenças, enfim, acolhem-se o inusitado e o inesperado. A simpatia é essa disposição ao risco e ao acolhimento na revelação dos “*quems*”; através dela, promovem-se aberturas aos que cuidam e aos que são cuidados e intensificam-se experimentações que se desviam dos automatismos. Aberturas que atuam na clínica, potencializando a efetuação da vida em sua fragilidade e que escapam aos métodos de uma adaptação imobilizante, reiteradora de lugares identitários e normatizados. Simpatia como afeto que busca sustentar e detectar elementos que possam corroborar para que a vida se multiplique (LIMA, 2017).

O primeiro dia foi esquisito. Vera entrou no ônibus e permaneceu em silêncio. Eu estava de olho no caminho – seguiríamos até a casa das outras mulheres. Ao seu lado sentou-se T. (estudante de fisioterapia), que tentou puxar assunto. De vez em quando, de longe, eu falava: “*Conta pra ela sobre seus panos de prato, dona Vera.*” Mas o caminho foi tímido e silencioso. Ao chegar no Arte no Dique nos organizamos em roda e a primeira dinâmica realizada foi uma apresentação de cada um dos integrantes realizando um movimento do corpo. Entre alunos e

professores, estavam presentes cinco mulheres, cada uma com sua essência. A proposta desse semestre era explorar o verbo “olhar”. Olhar para si e para o outro; olhar de diferentes formas, com diferentes olhares.

Na semana seguinte, Vera não foi. Disse que estaria ocupada e que voltaria outro dia. As visitas semanais em sua casa continuavam. Nesses encontros, Vera trazia em seu discurso o quanto era difícil esse movimento de se deslocar pelos espaços e pelas relações. Falava também sobre seus desejos de aproximação e permanência no grupo. Winnicott (1988/1990) traz a expressão: *membrana limitante*, referente ao conceito de eu-pele, uma fronteira entre o eu e o não-eu, uma possível tentativa de se diferenciar do mundo externo. Para poder estar no mundo e se organizar internamente é preciso primeiro habitar a primeira casa que é o corpo (LIMA, 1997 p. 105). Seguindo este pensamento, trazemos a reflexão de que possivelmente Vera tentava se diferenciar do exterior, mas habitava uma interioridade esvaziada e sem espaços de comunicação e com liberdade de passagem para relações (LIMA, p. 105).

Como escapar aos comportamentos excessivamente mecanizados e conformados? Como enfrentar essas formas corpóreas pré-dadas, produzidas em outras situações e que já não nos servem mais? (...) Como “desconstruir modos de funcionamentos dos corpos para que algo possa ser inventado, na contramão de certos automatismos que anestesiam os corpos e as vidas”? (LIBERMAN, 1998, p. 225).

A partir da concepção de que o sujeito se dá em processo, entre vazio e plenitude (Winnicott, 1960), e de que a integração da personalidade não é alcançada num determinado dia e pode ser perdida devido a uma situação ambiental adversa; tínhamos como tarefa transitar no terreno das sensibilidades com a intenção de criar pequenas e potentes brechas de vida a partir dos encontros. Trata-se do encontro com o outro em sua singularidade e das afetações provocadas a partir da permeabilidade, da disponibilidade e da possibilidade de suportar as turbulências produzidas. Engendrar novos modos que pedem passagem, expressão e invenção. Pequenos eventos que podem reverberar em outros modos de funcionar, viver e se apresentar frente ao outro, criando diferentes realidades. O acontecimento se dá por um encontro que desestabiliza um estado de coisas, desterritorializa uma organização subjetiva, uma corporeidade, uma teia de sentidos. Para acompanhá-lo, é preciso ir além do momento de desestabilização ou crise e poder criar novos corpos, ritmos, mundos à altura do acontecimento feito de simultaneidades (LIBERMAN; LIMA, 2015).

O fazer junto implica um deslocamento das nossas certezas e a possibilidade de se abrir para outras ideias e formas de pensar. Vera pouco a pouco foi *chegando* e se sentindo acolhida pelo grupo. Cada aluno, pelo processo de aproximação, tornou-se referência de uma mulher,

acompanhou-a durante todo o processo e esteve diretamente vinculado a ela. Desejos, histórias e ideias eram ditos e formavam uma composição com as mulheres, alunos e professores do grupo. As atividades deixavam de ser meras tarefas e passavam a ter graça, prazer e espaço.

No grupo tem-se a proposta de produzir pensamentos marcados pelo coletivo, “a partir daquilo que é constituído nos interstícios, para além das fronteiras, ou seja, um trabalho entreprofissões” (HENZ et al., 2013, p. 166). Percebia que o fato que não nos especificarmos enquanto estudantes de psicologia, terapia ocupacional ou nutrição fazia com que Vera tivesse uma abertura maior ao diálogo e às propostas.



Vera em sua primeira atividade no grupo. Fotografia: registro próprio.

As situações que se apresentam no cotidiano atravessam, sem constrangimentos, as fronteiras disciplinares e profissionais. No entanto, as identidades e diferenças disciplinares são interiorizadas e automatizadas pelos agentes que delas se ocupam. Essa interiorização e demarcação de fronteiras é o que faz que os envolvidos possam sentir-se desorientados quando confrontados por trabalhos e problemáticas que desafiam a segurança já estabelecida pelas áreas profissionais. (HENZ et al., 2013, p. 167).

O grupo começou a ganhar corpo, as mulheres já se reconheciam ali e fora dali e entramos numa fase em que as atividades ainda eram propostas por nós, mas já tinham aceitação imediata. Fazíamos atividades de recorte, colagem, massagem, brincadeiras... Pouco a pouco nos conhecíamos cada vez mais. As pessoas que trabalhavam no Arte no Dique também foram se aproximando e fazendo parte desse grupo. Na hora do lanche, começava um certo saudosismo: “agora só quarta que vem, né?”. Sentiríamos falta.

A estrutura, a materialidade e o tempo necessários para a realização das atividades artísticas marcam uma narrativa do acontecer histórico dos encontros e podem favorecer a apropriação desse fazer pelos sujeitos. Esta cotidianidade do fazer em grupo favorecia a apropriação deste fazer pelos sujeitos e, muitas vezes, esta mesma experiência proporcionava a articulação de outros fazeres entre si no cotidiano de várias atividades.



Fotografia: Nice Gonçalves

A relação das pessoas com o universo das produções culturais possibilita o contato com novas formas de sensibilidade disponíveis ao coletivo, que podem orientar cada um em sua própria experimentação no enfrentamento dos desafios que o mundo contemporâneo coloca. (LIMA, 2004, p. 146).

Há como que um desejo secreto de fazer parte desses espaços compartilhados, nos quais a cultura está inserida. Winnicott diz que a terapia acontece num espaço onde terapeuta e paciente brincam juntos. Quando o brincar não é possível, a tarefa é justamente a de trazer aquele que não é capaz de brincar para um estado no qual este potencial possa ser descoberto. Nesses espaços há um “campo de acontecimentos”, um lugar de experimentações, acolhimento, conexões e possibilidade de inventar saídas e soluções.

Uma construção em composição com outros olhares e serviços, potencializando os encontros com as diferenças e diálogos que emergem e que são produzidos. O *brincar* – muitas vezes substituído pelas atividades culturais – necessita de confiança e liberdade para que o que é difuso em si, o que é indizível, possa se desenhar, criar autonomia, falar de si e por si mesmo. No registro coletivo, presença significa a possibilidade de subjetividades coletivas ocuparem tempo e espaço sem que sejam obrigadas a lutar tenazmente pela sobrevivência, fazendo uso de dissociações defensivas (VAISBERG, 2004).

Era mais uma tarde de quarta-feira, quando chegamos ao Arte no Dique e ficamos sabendo que os usuários do NAPS¹⁰ estavam chegando para uma atividade especial em que todos participaríamos juntos. Vera também era usuária do NAPS, mas nunca tinha comentado com ninguém sobre sua *doença* e sempre me lembrava que *não era pra eu falar nada também*. Muitas pessoas foram chegando e se acomodando em roda. No meio do círculo estavam montados microfones, caixas de sons e aparelhagens para apresentações. O professor responsável pelo grupo que acompanhava os usuários do NAPS foi o primeiro a falar: “*Estamos aqui hoje para comemorar o Dia Nacional da Luta Antimanicomial [...]*”. Vera vira pra mim e pergunta: “*Thaís, isso que ele tá falando é o direito das pessoas loucas, né?*” Interrompe e diz: “*Eu conheço aquele rapaz ali, já vi ele no NAPS*”. Segue dizendo: “*É a luta contra os manicômios*”. Faço que sim com a cabeça! Vera fala um pouco alto e sinto que todos estão olhando para nós. Tento não estender o assunto naquele momento.

¹⁰ Núcleo de Atenção Psicossocial – Lugar de referência e tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves e demais quadros, cuja severidade e/ou persistência justifiquem sua permanência num dispositivo de cuidado intensivo, comunitário, personalizado e promotor de vida. (http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf)

Alguns usuários se levantam e começam a dar depoimentos de sua jornada. Para minha surpresa, Vera também se levanta e emocionada diz:

“Olha, eu preciso contar uma coisa! Eu também sofro de transtorno”

Em lágrimas, conta um pouco de sua história e faz muitos (inclusive eu) se emocionarem. Ao afirmar que *pertencer é viver*, Clarice Lispector nos traz a reflexão sobre a importância de se sentir parte de um grupo e ao mesmo tempo diferenciar-se dele.

Um grupo de porcos-espinhos apinhou-se apertadamente em certo dia frio de inverno, de maneira a aproveitarem o calor uns dos outros e assim salvarem-se da morte por congelamento. Logo, porém, sentiram os espinhos uns dos outros, coisa que os levou a se separarem novamente. E depois, quando a necessidade de aquecimento os aproximou mais uma vez, o segundo mal surgiu novamente. Dessa maneira foram impulsionados, para trás e para a frente, de um problema para o outro, até descobrirem uma distância intermediária, na qual podiam mais toleravelmente coexistir. (Fábula do Porco espinho)



Estudantes de referência de Vera no Grupo

Com a sensação de pertencimento assegurada, Vera foi descobrindo novos modos de existir e, junto com o grupo, ganhando espaços em seus próprios territórios. Fora do grupo, começaram a existir alguns movimentos. Vera concordou em receber alunos da graduação e fazia tentativas com as outras mulheres do grupo:

“Vai lá em casa qualquer dia, Carminha! Só me avisa antes – ou deixa! A gente se encontra aqui mesmo – não tem problema”.

O grupo começou a desejar explorar novos lugares. Intercalávamos dias só de conversa com brincadeiras e passeios planejados pelo próprio grupo. Tivemos festas de aniversário, fomos ao horto, à universidade, ao SESC e ao lugar mais desejado: à praia!



Ida ao horto – 2017



Primeira ida (de várias!) à praia com o Grupo



Vera na praia – agora mais confortável do que na primeira vez!

Nesse período, Vera entrou na natação e na hidroginástica. Fomos ao ortopedista juntas. Ao psiquiatra também. Conheci suas irmãs e tomei lanche com elas. Ouvi outras histórias. Vera teve desejo de cursar a UATI – Universidade Aberta da Terceira Idade. Não deu certo. Saiu e entrou na pintura. Hoje se apresenta com seus panos de prato. Tem desejo de voltar para faculdade. Aprendeu bordado e ponto cruz. Faz o melhor bolo de abobrinha. Sonha em ter uma casa no interior de SP para criar galinhas, patos e ter uma horta.

Vera sonha e deseja.



Ida à Unifesp. Foto: registro próprio.

Podemos compreender o mundo como um palco de acontecimentos no próprio corpo, a partir das relações que se engendram no contexto espaço/tempo, permeado pelas afetações e modos de relação produzidos nos e pelos encontros. Aos sair de sua casa, Vera teve encontros com os vizinhos, com o bairro, com mulheres, com o universo cultural e, entre outros, Vera encontrou-se consigo mesma – várias vezes. Encontrou a Vera que ri, que brinca e que canta. Encontrou versões de si que eu desconheço. É a partir do trabalho em rede e na rede, não apenas de serviços, mas de trocas de todos os tipos, que se pode promover saúde e vida.

Cena VII - Rompendo Barreiras



Foto: Nice Gonçalves

“Mas Dona Vera é uma senhora muito ativa, faz hidroginástica duas vezes por semana, faz curso de pintura de panos de prato no CECON da Zona Noroeste, e gostaria de fazer pintura em tela também, mas os materiais são caros, seus panos de prato já são uma grande satisfação em sua vida e ela costuma presentear a todos com sua linda arte. Por morar sozinha, ela mesma cuida de sua casa, e, mesmo com suas limitações, gosta de deixar tudo limpo. Gosta muito de cozinhar, a Thaís entregou uma receita de bolo de abobrinha que uma aluna de nutrição da UNIFESP havia passado há um bom tempo, e até hoje ela faz essa receita e disse que irá levar no próximo encontro. E parece também que sua comida é bem saborosa, ela gosta de cozinhar e falou que ia fazer um pudim de leite hoje.”

Estudante de Nutrição, 2016

Em 2016, na fala da estudante de nutrição, percebemos a descrição de uma Vera diferente daquela apresentada na primeira cena. Ao longo desse processo, barreiras foram rompidas, novos desenhos foram feitos e houve um processo de territorialização e desterritorialização. Múltiplos são os sentidos que a palavra território pode conter, já que o conceito de território tem sido utilizado e desenvolvido em diversos campos do conhecimento. De acordo com Gilles Deleuze (1989, p. 4 apud LIMA; YASUI, 2014, p. 595),

O território só vale em relação a um movimento através do qual dele se sai. Não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte.

A Zona Noroeste, cenário dessa história, é localizada na periferia de Santos e recebeu um enorme contingente populacional advindo de um movimento migratório. Caracteriza-se por diversas vulnerabilidades e teve grande intensificação de moradia nos anos 50. O uso do termo território decerto implica o espaço, mas não consiste, necessariamente, na delimitação objetiva de um lugar geográfico. O Dique são os caminhos cruzados. Das águas. Das terras. Das madeiras. Das *gentes*. O valor do território é existencial: ele circunscreve, para cada um, o campo do familiar e do vinculante, marca as distâncias em relação ao outro e possivelmente protege do caos. Trata-se, portanto, de problematizar o olhar sobre o território, para pensar quais modos de vida que estão sendo produzidos e qual clínica é possível realizar.

O território é, ele próprio, lugar de passagem. O território é o primeiro agenciamento, a primeira coisa que faz agenciamento, o agenciamento é antes territorial. Mas como ele já não estaria atravessando outra coisa, outros agenciamentos? É por isso que não podíamos falar da constituição do território sem já falar de sua organização interna. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 132).

Aqui o ambiente tem cheiro, nome e memória. Dique é o nome genérico que se dá ao conjunto de favelas que foi se erguendo ao longo do Rio do Bugre. A região tem importância histórica para a cidade de Santos pois representa um resgate de parte da dívida social acumulada pelo município. O Dique é resultado de um crescimento econômico perverso, que durante quatro décadas transformou a Baixada Santista num dos mais importantes polos industriais, turísticos e portuários do mundo sem distribuir renda ou benefícios à população. Criaram-se bairros operários que cresciam descontroladamente, sem qualquer planejamento urbano. A partir da década de 70, a crise econômica que atingiu o país fez surgirem bolsões de miséria na forma de favelas, para onde os trabalhadores desempregados eram expulsos. Dessa forma, apareceram verdadeiras cidades segregadas, nas quais o poder público não penetrava.



Foto: Nice Gonçalves

Pela via larga do Rio Bugre, o mar penetra a Ilha de São Vicente, estendendo seu braço por quilômetros. Já a enxurrada faz o percurso inverso: desce os morros, escorre pelas calçadas, galerias, e despeja ali, no canal do Dique. Da mistura de argila e areia batida do dique brotam pinguelas de madeira, perpendicularmente, que são os caminhos das palafitas. Nascem dos becos, entre as casas de alvenaria, e se espraíam em pernas de pau sobre as águas, bordando as duas margens do rio. Por essa urdidura complexa de ruas, canais, becos, travessas e pontes, as pessoas tecem os seus caminhos, que são os da vida.

“Chegamos ao dique mais uma vez em uma tarde chuvosa. O percurso do ônibus foi um pouco conturbado, o motorista era novo e não sabia o caminho, fomos tentando explicar... ele se perdeu e se mostrou confuso não só pelo caminho da viagem, mas também pelos nomes dos serviços que usávamos como se fosse habitual dele também. ELE virou e perguntou: “O que é NAPS?”. Percebi então, que estávamos sobrepondo um conhecimento. Tentei explicar muito mal explicado devido a correria – e resumi dizendo que ficava ao lado do Pronto Socorro da Zona Noroeste. Me senti mal. Ele até entendeu esta parte – mas o caminho foi difícil.”



Foto: Nice Gonçalves

Um modo possível de pensar a complexidade que habita no território é através do rizoma, um modelo para pensar a multiplicidade, proposto por Deleuze e Guattari (1925-1995). Através do rizoma, podemos pensar o território como uma zona móvel, composta por intensidade, conexões heterogêneas – de fluxos políticos, biológicos, afetivos, econômicos e sociais. Souza reconhece o território como espaço de relações de poder e também como palco das “ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço” (SOUZA, 2001, p.131). Diferente de um mapa estático, a multiplicidade e a conectividade de um rizoma possibilitam a produção de agenciamentos criativos e a composição de uma cartografia móvel, cujos contornos vão se transformando, conforme o desenho dos percursos.

O território é ainda lugar de produção contínua de modos de vida, de construção de possibilidades e de produção de subjetividades. Deslocar-se por um território vai para além de um conceito de estruturas físicas como ruas e casas. Deslocar-se como sujeito na Zona Noroeste representou, para Vera, em sua trajetória, a ampliação de seus territórios existenciais, redes de

apoio e potência de vida. Essa reinvenção da clínica requer, do cartógrafo, cultivar um tipo especial de atenção, que é, ao mesmo tempo, flutuante e concentrada, aberta ao presente, capaz de entrar em sintonia fina com as intensidades do território existencial. Uma atitude de atenção de ativa receptividade às forças circulantes e pontas de processo em curso que emergem no campo (Kastrup, 2007). Requer a desvinculação entre a clínica e a aplicação de um protocolo; a criação de novos lugares que trabalhem na lógica da sensibilidade, da implicação, da circulação social; que coloquem a questão das territorialidades, mas também dos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

O sujeito aqui é visto a partir da construção de um processo individual e complexo, que se dá no interstício dos encontros. Tem-se uma clínica centrada na produção de vida, na subjetividade e na produção de saúde; o que implica agenciamento de um território, processos de criação, formações de redes e conexões.

“Naquele dia coordenaríamos o grupo. Mas nada deu certo. Dona Vera percebeu e começou outra atividade. Se levantou e começou a cantar e dançar. Pouco a pouco, todas as mulheres a seguiram. Ela salvou nossa atividade.”

Estudante de Educação Física

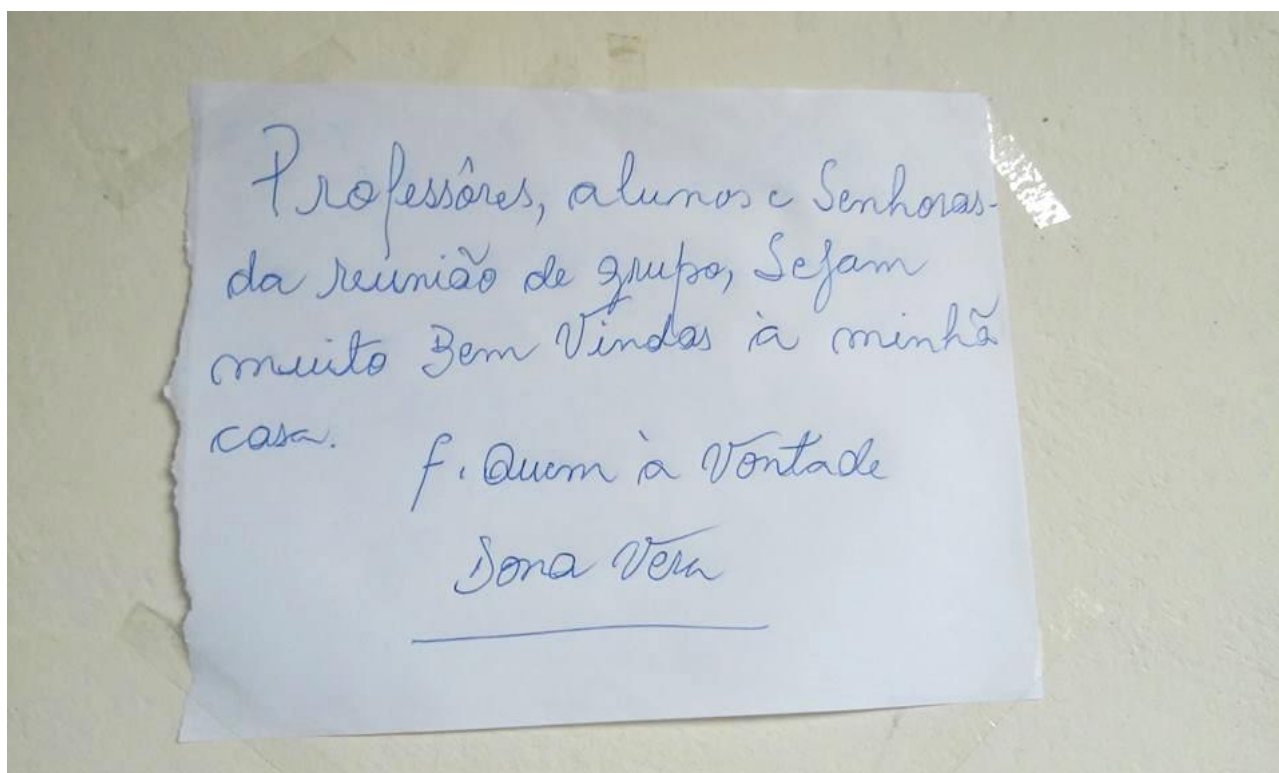


Fotografia: registro pessoal

Vera rompeu com barreiras nos relacionamentos. Descobriu em si mesma alguém que é capaz de confiar, receber e dar afeto, acolher, investir no outro e usufruir da alegria dos bons encontros. Passou de alguém que não queria receber ninguém em casa para a Vera que pediu um encontro do grupo em sua casa:

“Numa quarta-feira chuvosa, fomos de encontro às mulheres do grupo para nos reunirmos na casa de dona Vera, que nos esperava ansiosamente com toda sua hospitalidade. Chegando lá, nos recebeu com muita alegria, e logo foi nos levando para conhecer os cômodos de sua casa. Depois disso, sentamos todos na sala para conversar e esperar a outra van chegar. (...). Com a chegada da outra van, dona Vera mostrou uma surpresa que estava guardando para a gente: os panos de prato que estava pintando. Nos mostrou também fotos que estavam em porta-retratos em sua sala, nos contando que eram alunas da universidade que participaram do grupo anteriormente, e com quem mantém um vínculo até hoje.”

Estudante de Psicologia, 2017



Fotografia: registro pessoal

Rompeu barreiras físicas e concretas. O uso da bengala chegou a ser determinante por um tempo de sua vida. Não saía de casa, não ia mais a lugares que lhe faziam bem e começou

a viver à margem da sociedade. Ao se deslocar para espaços que promoviam sua inserção e acessibilidade tanto física quanto estética¹¹, Vera experienciou um corpo capaz de usar outras estruturas e outros modos de funcionamento.

Quando conseguimos experimentar, no corpo, o COMO fazemos, sentimos, moldamos em nossa forma os acontecimentos que nos afetam, e quando sustentados pelo sujeito, pelo grupo e pelo trabalho que ali se constrói, podem-se produzir mudanças significativas nos modos de funcionamento. (LIBERMAN, 2010, p. 458).

Passamos a pensar em um sujeito que, justamente por não estar se referindo à falta como a algo central em sua vida – mas sim à presença acolhedora do outro –, pode chegar a reconhecer os eventuais contextos faltosos ou solitários sem precisar negá-los onipotentemente. É nesse sentido que o “ficar só” não surge como uma experiência significativa a não ser que o indivíduo possa se sentir firmemente ancorado em contextos acolhedores. Há, nesse sentido, um estar só que implica a presença de alguém. Romper barreiras significou na história de Vera, encontrar novas formas de ver o mesmo, de fazer conexões, construir novos territórios e percorrer os mesmos. Significou descobrir sua potência de criação.



Fotografia: Nice Gonçalves. Reportagem no jornal sobre exposição fotográfica – Mulheres de Fibra

¹¹ Ver mais em: LIBERMAN F., MAXIMINO V. Acessibilidade e experiência estética: um trabalho com mulheres em situação de vulnerabilidade. *Cadernos de Terapia Ocupacional UFSCAR*, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 139-146, 2016.

PARTE III – À margem do rio

“Não é apenas uma questão de música, mas de maneira de viver: é pela velocidade e lentidão que a gente desliza entre as coisas, que a gente se conjuga com outra coisa: a gente nunca começa, nunca se recomeça tudo novamente, a gente desliza por entre, se introduz no meio, abraça-se ou se impõe ritmos.”

Gilles Deleuze – Espinosa: Filosofia Prática

Chegar ao fim é chegar ao começo

“Em um assunto paralelo, Dona Vera me disse que está na melhor fase da vida dela, e que quer viver até ficar muito velhinha, pois agora que de fato sua vida está começando.”

Estudante de Nutrição - 2017



Fotografia: registro próprio

Bergson (2006) compara o movimento ao trajeto de um rio. Segundo o autor, é através das margens que podemos identificar o trajeto do rio, bem como observar sua sinuosidade e a forma como lida com os obstáculos que atravessam seu caminho. Ainda segundo o autor, algumas pessoas precisam de pontos de ancoragem, pontos fixos a partir dos quais possam desenvolver sua existência, pois o movimento e a inconstância podem ser gerados de angustias e tensões muito intensas. Nesses casos, é importante desmistificar a ideia de que a terra firme é a melhor opção (BERGSON, 2006, p. 173), lembrando do poeta¹², que diz que, na vida, há firmeza apenas na inconstância.

Escrever essa dissertação significou escrever sobre a complexidade e as instabilidades dos fluxos da vida. Sentir-se vivo e real, de tal modo que, não importa a barreira ou o sofrimento envolvido, ainda exista o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida. Esse é o desafio. Em nossa clínica, muitos são os que encontramos paralisados/interrompidos por uma situação ou um momento; sem conseguir *SER*: “Há pessoas que passam a vida não sendo, num esforço desesperado para encontrar uma base para ser” (Winnicott, 1987/1966, p. 116); ou seja, carregam o sentimento de não terem chegado ao começo. Para o autor, existem vários começos, sendo o marco inicial o nascimento e o principal aquele em que se pode dizer “*eu sou*”. Portanto, o indivíduo saudável é aquele que se sente real, habitando o próprio corpo, vivo e capaz (WINNICOTT, 1945/2000).

Neste estudo refletimos sobre uma clínica em saúde pautada nos encontros e na matriz criativa. A compreensão winnicottiana relaciona saúde à possibilidade de criar. Há produção de saúde ao pensar nesta como a liberdade de dar aos corpos possibilidades e desejos, sendo o desejo uma potência de afecção, uma capacidade de ser afetado, mobilizado e transformado. Significa também a capacidade que esses efeitos têm de produzir, por sua vez, novos efeitos (BOVE, 2010, p. 34). Saúde nesta perspectiva é, portanto, uma sucessão de compromissos com as diferentes realidades que compõem a vida dos sujeitos, compromissos que “se mudam, se reconquistam, se redefinem, que se perdem e que se ganham” (DEJOURS, 1986, p. 11).

O título Clínica e Vida comporta dimensões micropolíticas: aquela dos encontros e afetos que se constroem nas relações diárias com os vizinhos, na própria casa e nos lugares que frequentamos; voltada para as sutilezas, para as conexões e reinvenções dos territórios. Ao longo das cenas descritas, é possível ver como foram acontecendo os processos de transições de Vera. Falamos de uma clínica que possibilita aumentar a potência e expandir o território de ação no mundo; capaz de sustentar momentos de transição de um estado a outro, do reagir para

¹² Gregório de Matos – “A instabilidade das coisas do mundo”.

o agir. O corpo é composto pelos agenciamentos e conexões e pode ser por eles alimentado, revitalizado e potencializado.

Vera apostou em abrir um pouco mais o portão de casa, fazer uma receita diferente, ter uma nova conversa. Experimentou falar diferente, pedir desculpas e fazer o mesmo pano de prato de outro jeito. Teve momentos de voos e pousos. Vera pôde ser sujeito de suas escolhas e pensamentos e agir ao invés de reagir.

Com um ambiente sustentado nas relações de confiança, os encontros propiciaram a Vera a experiência de um modo de existir baseado na crença no outro humano e, portanto, um modo de se relacionar baseado na sua capacidade de ser criativa diante dos desafios propostos pelo ambiente.

Ao dizer que está na melhor fase de sua vida, nota-se que Vera está em expansão da sua potência, ou seja, tem a possibilidade de compor relações com o ambiente, isto é, acrescentar mais realidade à própria vida, fazer com que os encontros possam somar experiências ao invés de subtrair a potência de agir e conhecer o mundo e as várias versões dela mesma. O afeto da alegria é considerado como uma passagem de um estado menos potente para um estado mais potente. Aumentando nossa potência de agir, acumulamos mais possibilidades de afetar e sermos afetados e, por isso, adquirimos novas possibilidades de relação com o mundo do qual fazemos parte.

Ter a capacidade de ser afetado/transformado pela experiência, isto é, viver as transições, significa ser capaz de desejar. Desejar novos encontros, processos, atividades, modos de vida... Desejar continuar e viver. O trabalho de produção de saúde deve sempre levar em conta os territórios subjetivos e concretos nos quais o sujeito está inserido e seus múltiplos e ricos processos de composição que fazem parte das relações e do viver.

Aqui, a saúde foi vista de forma ampliada e significou possibilitar encontros e sustentar a complexidade dos sujeitos, possibilitando um modo de existir criativamente, ou seja, a invenção de novas possibilidades de vida, que levam à continuidade de ser.



Fotografia: registro próprio

REFERÊNCIAS

- ALVES, N. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, J.B; BARBOSA, I.; ALVES, N. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas*. Sobre Redes de Saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ARAÚJO, C. et al. *Estudo de Caso*. Métodos de Investigação em Educação. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2008. Disponível em: <http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2018.
- ARAÚJO, C.A.S. *Uma abordagem teórica e clínica do ambiente a partir de Winnicott*. Tese (Doutorado): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- BARROS, L.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.
- BERGSON, H. *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BOVE, L. *Espinosa e a Psicologia Social*. Ensaios de ontologia política e antropogênese. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 34.
- BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de atenção à saúde. *Política nacional de Humanização da atenção e Gestão do SUS*. Clínica ampliada e compartilhada / Ministério da saúde, secretaria de atenção à saúde, Política nacional de Humanização da atenção e Gestão do SUS. Brasília: Ministério da saúde, 2009.
- BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, Jan. 2002.
- BRUM, E. O doping dos pobres. *Revista ÉPOCA*, 2009. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI90539-15230,00-O+DOPING+DOS+POBRES.html>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

- CHAUI, M. *Desejo, paixão, e ação na ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DEJOURS, C. Por um novo conceito de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*. São Paulo, v.14, n.54, p. 7-11, abr. 1986.
- DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- _____. *Dos régimes de locos: textos y entrevistas (1975-1995)*. Pré-textos, 2007.
- _____. O abecedário de Gilles Deleuze. 1989. APUD Lima, E. Yasui, S. *Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial*. Saúde Debate, Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, P. 593-606, jul.–set. 2014.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia?* 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 1925-1995. v.1, 1ª ed. São Paulo: Editora 34.
- DEWEY, J. *Art as experience*. New York: A Perigee Book, 1980. p.80.
- ESPINOSA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FERIGATO, S. *Cartografia dos Centros de Convivência de Campinas: produzindo Redes de Encontros*. Campinas, 2013. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
- FERRIOT, M. Terapia Ocupacional: relato de uma experiência. *Revista do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional*, v.2; n°2; p. 32, 1997.
- FILHO, C.; TETI, M. *A cartografia como método para as ciências humanas e sociais*. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, jan. 2013.
- FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Média*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de L. M. Ponde Vassalo. Petrópoles: Vozes, 1987.
- GALLETI, M. Redes de produção de saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*. São Paulo. No prelo. 2009.

- _____. *O lugar dos Centros de Convivência na Rede Substitutiva*. Centros de Convivência e Cooperativa, Cadernos Temáticos do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. 2015.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Coleção debates psicologia. GUINSBURG J. (Org.). São Paulo: Editora Perspectiva, 1961.
- GOODE, W. J.; HATT, P. K. *Métodos em pesquisa social*. 5a ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- GUZZO, M. *Lugar do Corpo*. Athenea Digital, 2003.
- HENZ, A. et al. Trabalho Entreprofissional. In: CAPOZZOLO, A; CASETTO, S; HENZ, A. (Org.). *Clínica comum: itinerários de uma formação em saúde*. São Paulo: Hucitec Editora, 2013. p. 166/167.
- JURDI, A.; AMIRALIAN, M. Ética do cuidado: a brinquedoteca como espaço de atenção a crianças em situação de vulnerabilidade. *Interface*, v.17, n.45, p.275-85, abr. 2013.
- JURDI, A. *A ética do cuidado e do encontro: a possibilidade de construir novas formas de existência a partir de uma brinquedoteca comunitária*. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009. 142p.
- KASTRUP, V. Experiência estética para uma aprendizagem inventiva: notas sobre a acessibilidade de pessoas cegas a museus. *Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 38-45, jul. 2010.
- _____. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*; 19(1): 15-22, p. 16 e p.18, jan. 2007.
- LIBERMAN, F. *Delicadas coreografias: instantâneos de uma terapia ocupacional*. 308f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- _____. O corpo como pulso. *Interface: Comunicação, Saúde e Educação*. v.14, n.33, p. 449-460, abr.2010.
- _____. *Danças em Terapia Ocupacional*. São Paulo: Sumus Editorial, 1998.

_____. O corpo como produção da subjetividade. *Cadernos de subjetividade*. Dossiê: Corpo. PUC-SP, São Paulo, 5 (2): 371-383, dezembro 1997. p.376.

LIBERMAN, F.; LIMA E. Um corpo cartógrafo. *Interface: comunicação, saúde e educação*. vol. 19, n. 52 jan. 2015.

LIBERMAN, F.; MAXIMINO, V. *Planos grupais e experiência estética: friccionando ideias, emoções e conceitos*. No prelo.

LIMA, E. M. F. A.; OKUMA, D. G.; PASTORE, M. N. Atividades, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 2, 2013.

LIMA, E. M. F. A. A análise de atividade e a construção do olhar da Terapeuta Ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v;15, n.2, p.42-8, maio.; 2004.

_____. Por uma arte menor: ressonâncias entre arte, clínica e loucura na contemporaneidade. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 10, n. 20, p 317-329, 2006.

_____. *Vida ativa, mundo comum, políticas e resistências: pensar a terapia ocupacional com Hannah Arendt*. Tese apresentada para obtenção do título de professor livre-docente da Universidade de São Paulo, 2017.

_____. *Clínica e criação: a utilização de atividades em instituições de Saúde Mental*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

LYGIA, C. *Fundació Antoni Tàpies*. Barcelona, 1997.

MAXIMINO, V. *A constituição de grupos de atividade com pacientes psicóticos*. Campinas; s.n; jun. 1997. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas, 1997.

MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. Cenas em formação: buscando na prática os pressupostos para o que fazemos com grupos. In: MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. (org.). *Grupos de Terapia Ocupacional: formação, pesquisa e ações*. São Paulo: Summus editorial, 2015. p. 21.

- MECCA, R. *Experiência estética na terapia ocupacional em saúde mental: gestos na matéria sensível e alojamento no mundo humano*. Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre em ciências na Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- MEOLA, M. O campo da saúde mental e as tecnologias de cuidado: uma reflexão. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*. São Paulo, v.11, n.1, p. 17-22, jan. 2007.
- MERHY, E.E. *Engravando palavras: o caso da integralidade*. Congresso da Rede Unida, 205. Belo Horizonte.
- MIZRAHI, B.G. *A vida criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo*. Rio de Janeiro, 2010. p.125.
- NASCIMENTO, B.; O mito da atividade terapêutica. *Revista de terapia ocupacional da Universidade de São Paulo*, v.1, n.1, São Paulo, 1990.
- NIETZSCHE, F. *Obras Incompletas*. Gaia ciência. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 190.
- _____. *A Gaia ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- OLIVEIRA, R.C. de. A recepção em grupo no ambulatório do IPUB/UFRJ. *Cad. IPUB*, v. 6, n. 17, p. 30-46, 2000.
- PAIM, J.S.; ALMEIDA FILHO, N. Saúde coletiva: Uma “nova saúde pública” ou campo aberto a novos paradigmas? *Revista de Saúde Pública*, 32, 1998.
- PASSOS, E.; BENEVIDES, R. *A Cartografia como método de pesquisa intervenção*. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, Universidade Federal Fluminense, 2009. p. 20.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Editora Sulina, Universidade Federal Fluminense, p. 9 e 10, 2009.
- RIVERA, T. *Hélio Oiticica: A criação e o comum*. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. III, n. 7 (juldez/2009), pp. 13-26.

ROCHA et al. A visita domiciliar no contexto da saúde: uma revisão de literatura. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 18, n. 1, p. 170-185, 2017.

ROLNIK, S. Corpo, pensamento e devir. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v.1 n. 2, p. 241-251, set./fev. 1993.

_____. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Ed. da UFRGS, 2007.

_____. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. *Boletim de Novidades, Pulsional - Centro de Psicanálise*, 41, p. 33-42, 1992. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/homemetica.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

SAFRA, G. Introdução. In: BARRETO, K. D. *Ética e técnica no acompanhamento terapêutico: andanças com Dom Quixote e Sancho Pança*. São Paulo: Unimarco, 2000.

_____. *Método de pesquisa: do projeto à elaboração do texto final* – as metodologias contemporâneas e suas bases epistemológicas, com foco na pesquisa em Psicologia e psicanálise. DVD gravado em aula ministrada no curso de pós-graduação em Psicologia Clínica da USP em 16 mar.2005. São Paulo: Sobornost.

_____. Implicações do conceito de criatividade para a situação clínica. In: SUCAR, I.; RAMOS, H. (org.). *Winnicott Ressonâncias*. São Paulo: Primavera editorial; Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 2012.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1987.

SACKS, O. *Um antropólogo em Marte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHMITT, J-C. *La raison des gestes dans l'Occident médiéval*. Paris: Gallimard, 1990.

SIEGMANN, C.; FONSECA, T.M.G. Caso-pensamento como estratégia na produção de conhecimento. *Interface*, Botucatu[online], v. 11, n. 21, p. 53-63, 2007.

SOUZA, M.J.L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I.E. et al. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 77-116.

STRAPPAZZON, A.; MAHEIRIE, K. “Bons encontros” como composições: experiências em um contexto comunitário. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, p. 114-127, ago. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (Campus Baixada Santista). *Plano de ensino prática clínica integrada: análise de demandas e necessidades em saúde*. São Paulo: [s.n], 2012. Disponível em: <http://www.unifesp.br/prograd/app_prograd/uc2/filtro_uc.php>. Acesso em: 2 jan. 2019.

VAISBERG, T.A. *Ser e fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. Aparecida: Ideias e Letras, 2004.

WINNICOTT, D.W. O brincar: a atividade criativa e a busca do eu (Self). In: *O brincar e a realidade*. Trad. J.O. de A. Abreu & V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1971/1975.

_____. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: WINNICOTT, D.W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. Irineo Constantino S. Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso self. In: WINNICOTT, D.W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

_____. O conceito de indivíduo saudável. In: *Tudo começa em casa*. Trad. p. Sandler. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Ansiedade associada à insegurança. In: *Da pediatria à psicanálise*. Textos selecionados. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1988.

_____. Vivendo de modo criativo. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 23-39.

_____. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. Ausência de sentimento de culpa. In: WINNICOTT, D.W. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: WINNICOTT, D.W. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

YASUI, S. *Construção da reforma psiquiátrica e o seu contexto histórico*. 1999. 245 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Sociedade) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1999.

YIN, R.K. *Case study research: design and methods*. Sage Publ., 1989.

Vídeos

Isto é arte? Palestra de Celso Favaretto. Direção de G. Santos. São Paulo: Itaú Cultural, 2000. 1 videocassete.

ANEXOS

Anexo 1 - Termo de Consentimento para Coleta de Dados

Estas informações estão sendo fornecidas para a sua participação voluntária no estudo “Clínica e Vida: Cartografia dos Encontros em Terapia Ocupacional”, que será desenvolvido pela pesquisadora Thaís Marques Fidalgo da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista (Unifesp/BS) visando investigar e problematizar como o tema “encontro” incide em uma prática clínica interdisciplinar de saúde e as ressonâncias da potência criativa do sujeito.

Caso autorize sua participação na pesquisa estará consentindo com a utilização de seus relatos (narrativas do trabalho, e/ ou diários de campo), para uso como fonte de dados para o pesquisador. Também estará consentindo com a utilização de seus depoimentos e narrativas coletados em conversas informais e/ou rodas de conversa que podem ter sido registradas no diário de campo do pesquisador.

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso ao profissional responsável pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal investigador é Thaís Marques Fidalgo, que pode ser encontrado no endereço: Rua Silva Jardim, 136 - Departamento Saúde, Clínica e Instituições, UNIFESP – Baixada Santista. Telefone: (13)3221-8058. Se o (a) senhor (a) tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 – 1º andar – cj 14, 5571-1062, FAX: 5539-7162 – E-mail: cepunifesp@epm.br.

Não há despesas pessoais para o participante durante o estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Nessa pesquisa não há riscos físico, porém ela pode oferecer desconforto ou constrangimento no compartilhamento de informações pessoais e/ou confidenciais. É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem prejuízo. Por outro lado, as informações obtidas serão mantidas em segredo e analisadas em conjunto com dados de outros participantes, não sendo divulgada a identificação de nenhum envolvido quando os dados do estudo forem publicados. Trata-se de um compromisso do pesquisador utilizar os dados e material coletado somente para fins acadêmicos. É garantido o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados que sejam de conhecimento dos pesquisadores.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, sobre o estudo “Perspectivas e Conceitos sobre a clínica ampliada em Saúde – Um estudo de caso sobre a Potência do Encontro”.

Eu discuti com Thaís Marques Fidalgo, sobre a minha decisão em participar do estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos. Este termo está registrado em duas vias sendo que uma delas será entregue ao sujeito da pesquisa e a outra estará em posse do pesquisador.

Nome do participante da pesquisa

Assinatura do participante da pesquisa

Data: ____/____/____

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante da pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pelo estudo

Nome do profissional que orientou sobre ou aplicou o TCLE

Data: ____/____/____

Anexo 2 - Termo de Cessão de Direito de Uso da Imagem (Lei nº 9610, DE 19/2/1998)

Pelo presente instrumento, eu, abaixo identificado, autorizo os pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo (*Campus Baixada Santista*) a utilizarem minha imagem e voz para fins de divulgação, estudo, pesquisa e publicidade do projeto intitulado “Clínica e Vida: Cartografias dos Encontros em Terapia Ocupacional” cuja pesquisadora principal é: Thaís Marques Fidalgo, RG 46.449.101-0. Esta autorização inclui o uso de todo material criado que contenha as imagens fotográficas cujo uso ora é cedido, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como apresentações, palestras, exposições, material impresso, CD, DVD, rádio, televisão, bem como sua disseminação via internet, sem limitação de tempo ou número de exibições.

Na condição de único titular dos direitos de imagem e voz sobre o material produzido, os responsáveis pelo Projeto poderão dispor dele livremente para qualquer modalidade de utilização que tenha por finalidade divulgar, apresentar ou pesquisar o Projeto “Perspectivas e Conceitos sobre a clínica ampliada em Saúde - Um estudo de caso sobre a Potência do Encontro”, não cabendo a mim qualquer direito ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Santos, _____ de _____ de 2017.

Assinatura: _____

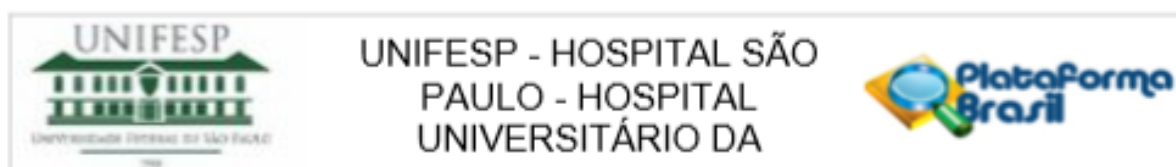
Nome: _____

Endereço: _____

CPF: _____

Pesquisadora Principal: **Thaís Marques Fidalgo**

Anexo 3 – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Clínica e Vida: Cartografias dos encontros em Terapia Ocupacional

Pesquisador: Thaís Marques Fidalgo

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 65925417.0.0000.5505

Instituição Proponente: Departamento de Saúde, Clínica e Instituições

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.098.403

Apresentação do Projeto:

Projeto CEP/UNIFESP: 0230/2017:: projeto original aprovado em 06 de Abril de 2017.

Trata-se de emenda (E1) ao projeto: alteração de título e mudança para o método cartográfico

BREVE APRESENTAÇÃO DO PROJETO:

Produzir cuidado envolve captar a singularidade, o contexto e o universo cultural. Aproximar-se de determinadas situações do usuário e abrir possibilidades de diálogo com suas concepções, expectativas e desejos; reconhecendo-o como sujeito na produção de sua própria saúde. Ao pensar em produção de vida, remetemo-nos a Deleuze, dizendo que desejo não é falta, mas sim produção. Desejar algo, alguém ou ser afetado por um ser desejante. Deleuze em seu texto "A vida como obra de arte", aproxima arte e vida, essa possibilidade de reinvenção, de criação de si e de novas realidades nos encontros, inventando novas possibilidades de vida, contrapondo concepções e categorizações que distanciam da possibilidade de cada um poder criar seus próprios modos de existir. Criar e viver são temas fundamentais na teoria winnicottiana, sendo que nesta, a criatividade se aproxima e se inter-relaciona com o sentimento de estar vivo e com a percepção da própria existência, assim como a percepção de que, é por meio do gesto criativo, que podemos sentir a expressão de nossa verdadeira identidade. Este trabalho, através do estudo de um caso acompanhado há cinco anos na Universidade Federal de São Paulo, Brasil, tem como objetivo apontar caminhos e procedimentos; pesquisar a 'experiência' como um dispositivo



Continuação do Parecer: 3.098.403

para uma clínica assertiva – rigorosa, porém não rígida - capaz de transitar entre teorias e encontros, observação e prática, sensibilidade e técnica. Busca, também, dar visibilidade e ampliar os estudos que articulam os temas relacionados a processos terapêuticos, matriz criativa e produção de subjetividade.

Objetivo da Pesquisa:

-Objetivo Primário: Esta pesquisa busca investigar e problematizar como o tema do desejo incide em uma prática clínica de saúde e as ressonâncias da potência criativa do sujeito.

-Objetivo Secundário: Os objetivos específicos são: Discutir processos terapêuticos e seus atravessamentos; Aprofundar a discussão sobre intersetorialidade e formação; Analisar a potência criativa e afetiva em uma intervenção clínica de saúde; Aprofundar o conceito de territórios existenciais e redes de serviços.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

sem alteração em decorrência da emenda

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de emenda (E1) ao projeto.

Justificativa para a emenda: A pesquisadora informa que durante este ano de pesquisa e principalmente na qualificação foram revistos alguns caminhos do projeto.

O primeiro elemento foi o próprio título da pesquisa, anteriormente intitulada de: 'CLÍNICA E VIDA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A POTÊNCIA DO ENCONTRO'. O nome foi pensando antes do início da pesquisa e percebemos que ele não está de acordo com o método utilizado e poderia ser muito amplo para buscas no campo específico da Terapia Ocupacional.

Novo título: Clínica e Vida: Cartografias dos encontros em Terapia Ocupacional

Outra mudança discutida na qualificação foi o método utilizado. No projeto anterior, a ideia aplicar o estudo de caso – porém este não foi adequado para o material colhido. Dessa forma, optamos pela mudança para o método cartográfico.

Essas mudanças não implicam em riscos adicionais a já mencionada possibilidade de oferecer desconforto ou constrangimento no compartilhamento de informações pessoais e/ou confidenciais. Nesse caso, garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem prejuízo.



Continuação do Parecer: 3.098.403

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

-Documentos obrigatórios apresentados para a emenda:

- 1- carta justificativa da emenda;
- 2- projeto_alterado.pdf
- 3-termo_imagem_alterado.pdf

Recomendações:

sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

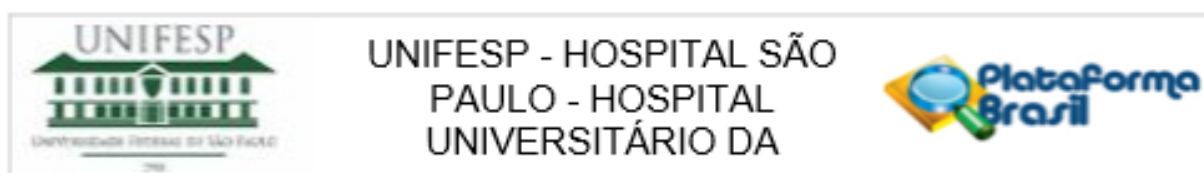
emenda aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Parecer acatado pelo colegiado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1255802_E1.pdf	10/11/2018 21:49:07		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_imagem_alterado.pdf	10/11/2018 21:47:18	Thaís Marques Fidalgo	Aceito
Outros	carta_justificativa_emenda.pdf	10/11/2018 21:44:44	Thaís Marques Fidalgo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_alterado.pdf	10/11/2018 21:44:26	Thaís Marques Fidalgo	Aceito
Outros	carta_emenda.docx	10/11/2018 21:38:42	Thaís Marques Fidalgo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	10/11/2018 21:38:25	Thaís Marques Fidalgo	Aceito
Outros	resposta_segunda_pendencia_CEP.pdf	10/06/2017 13:29:52	Thaís Marques Fidalgo	Aceito
Outros	Formulario_CEP_Thais.pdf	20/03/2017 11:35:39	Thaís Marques Fidalgo	Aceito
Folha de Rosto	PlataformaBrasilthais.pdf	20/03/2017 11:30:41	Thaís Marques Fidalgo	Aceito



Continuação do Parecer: 3.098.403

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 20 de Dezembro de 2018

Assinado por:
Miguel Roberto Jorge
(Coordenador(a))

NUNCA TEREMOS TEMPO
PARA NOS DESPEDIR
DIREITO, CAPRICHE NOS
ENCONTROS IMPERFEITOS.

(apineja)